

UM DIÁLOGO SOBRE VIDA, MORTE E ESPERANÇA



AS CRÔNICAS DA CAFETERIA

A RESSURREIÇÃO

ACONTECEU... MESMO?



**JOSH McDOWELL
& DAVE STERRETT**

UM DIÁLOGO SOBRE VIDA, MORTE E ESPERANÇA



AS CRÔNICAS DA CAFETERIA

A RESSURREIÇÃO

ACONTECEU... MESMO?



**JOSH McDOWELL
& DAVE STERRETT**

A RESSURREIÇÃO

ACONTECEU... MESMO?

UM DIÁLOGO SOBRE VIDA, MORTE E ESPERANÇA



AS CRÔNICAS DA CAFETERIA

A RESSURREIÇÃO

ACONTECEU... MESMO?

**JOSH McDOWELL
& DAVE STERRETT**

Traduzido por Daniele Pereira

1ª Edição



Rio de Janeiro

2014

Todos os direitos reservados. Copyright © 2014 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Título do original em inglês: Did the Resurrection Happen... Really?

Moody Publishers, Chicago, EUA

Primeira edição em inglês: 2011

Tradução: Daniele Pereira

Preparação dos originais: Elaine Arsenio

Adaptação de Capa: Elisangela Santos

Projeto gráfico e editoração: Elisangela Santos

CDD: 230- Cristianismo

ISBN: 978-85-263-0693-6

eISBN: 978-85-263-1274-6

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: <http://www.cpad.com.br>.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus

Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ

21.852-002

1ª edição: Agosto/ 2014

Tiragem: 3.000

Ao Dr. Robert Saucy, meu professor e mentor por três anos, que sempre me desafiou a amar a Jesus, estudar as Escrituras e buscar a Verdade.

– Josh

Ao Dr. Gary Habermas, meu professor de Teologia.

– Dave

Agradecimentos

■

Gostaríamos de agradecer a Randall Payleitner, nosso editor de aquisições na Moody Publishers, por seu trabalho extensivo e suporte para ajudar a tornar este livro possível. Agradecemos também a Paul Santhouse por sua excelente edição, e a Clay Sterrett (pai de Dave) por ler os primeiros manuscritos e nos dar feedback, correções e encorajamento.

Os autores são gratos pela permissão ao uso dos seguintes materiais:

Trechos extraídos de Mais que um Carpinteiro, de Josh McDowell e Sean McDowell, © 2009 para Josh McDowell e Sean McDowell. Usado com permissão da Tyndale House Publishers.

Trechos extraídos de Mais Evidências que Exigem um Veredicto, de Josh McDowell, © 2009 para Josh McDowell. Usado com permissão de Thomas Nelson Publishers.

Sumário

[Agradecimentos](#)

[1- Tensão no Campus](#)

[2- Luto](#)

[3- Dia dos Namorados](#)

[4- Jesus Fala sobre o Paraíso](#)

[5- Por que Jesus Preciso Morrer?](#)

[6- Posso Ser Cristão sem Crer na Ressurreição?](#)

[7- Jesus Predisse sua Morte e Ressurreição?](#)

[8- Considerando outras Possibilidades](#)

9- Evidência Médica para a Crucificação

10- Sepultado entre Ricos

11- Uma Profecia Descoberta nos Rolos do Mar Morto

12- Os Costumes Funerários dos Judeus

13- Churrasco na Quinta-Feira à Noite

14- Elvis e Michael Jackson!

15- Os Guardas no Túmulo

16- Todos eles o Abandonaram e Fugiram

17- O Túmulo Vazio

18- A Importância das Aparições

[19- Corpos Espirituais](#)

[20- Paulo e seus Inimigos](#)

[21- James Cameron e o Túmulo Secreto de Jesus](#)

[22- Cristianismo e Mitologia Pagã](#)

[23- A Teoria da Alucinação](#)

[24- A Teoria da Conspiração](#)

[25- Domingo de Páscoa](#)

[Notas](#)

Um

Tensão no Campus

-

A tensão no campus era intensa. Os administradores da Opal University não conseguiam se lembrar de um período mais inconstante. Facções entre os alunos estavam se tornando militantes, e a violência parecia uma possibilidade real.

Questões políticas e sociais sempre foram assuntos polêmicos entre estudantes, mas relações inamistosas ficaram fora de controle quando um dos professores da Opal apresentou um forte argumento a favor do Cristo histórico durante um debate com dois estudiosos visitantes — um ateu e um agnóstico. As semanas seguintes viram confrontos contínuos, às vezes terríveis, entre grupos religiosos e ateístas no campus.

Jamal Washington, professor que apresentou o Cristo histórico no debate, era um doutorando que ministrava cursos de graduação na escola de religião. Também era considerado o responsável pela conversão do professor emérito de religião, Dr. William Peterson, e de vários alunos do clube ateu.

Um mês depois do debate, Dr. Peterson ministrou uma palestra empolgante sobre a divindade de Cristo, e mais alunos creram que Jesus era o Filho de Deus. Foi depois da palestra do Dr. Peterson que Jamal recebeu a primeira correspondência ofensiva.

A carta anônima estava no chão de seu escritório certa manhã, e era óbvio que fora colocada por baixo da porta. Jamal não parecia muito preocupado com isso. Ele via a disputa como brincadeira inofensiva incitada por alguns líderes

estudantis obstinados. Embora os membros do clube ateu com certeza não concordassem com Washington e Peterson, não eram hostis.

Brett, um agnóstico e ex-líder do clube ateu, estava começando a questionar seu próprio ceticismo. Sua família, bem educada e acadêmica, tinha o histórico de investigar novas ideias antes de aderir a elas, e Brett estava tendo seu momento com esse negócio de Jesus. Ninguém acusaria Brett de conversão emocional a coisa alguma — principalmente fé religiosa.

No início da semana, convidado por Nick, Brett havia assistido a uma aula ministrada pelo Dr. Peterson. Embora aposentado, o Dr. Peterson com frequência substituíra seus antigos colegas no Departamento de Religião. O assunto ressurreição de Jesus foi levantado na aula, e Brett decidiu parar no prédio de religião para fazer algumas perguntas ao Dr. Peterson. A ressurreição era uma questão-chave em sua busca pela verdade.

Brett estava em um dos prédios de religião quando viu alunos correndo para fora. Deve ser um treinamento de incêndio, pensou. Mas havia algo errado. Ninguém corre em treinamentos de incêndio. Então ele ouviu gritos. Brett era um aluno do curso de medicina e inclinado à ação, e o grito o deixou alerta. “Vamos lá!”, gritou ao apertar o celular no bolso e sair em disparada rumo ao que quer que estivesse acontecendo.

Alunos saíam do prédio de religião, gritando e correndo em todas as direções. Quando Brett aproximou-se, uma jovem tropeçou e caiu no gramado bem em frente a ele. Parecia haver sangue por toda a sua blusa. Brett abaixou-se ao lado da garota. Ela respirava com dificuldade e parecia ansiosa para voltar a si.

“Onde você está ferida”?, gritou Brett em meio ao caos. “O que aconteceu?”

“Fui baleada”!, ela gritou. “Ele está atirando em todo o mundo!”

Brett imediatamente pegou seu celular, discou 9-1-1, e com uma voz trêmula pediu socorro. A ligação durou menos de um minuto, e então ele pegou a garota no colo e levou-a, o mais rápido que pôde, para um lugar seguro do outro lado da rua. Ela chorava sem parar.

“Onde você está ferida?”

“No ombro”!, ela parecia estar entrando em estado de choque.

Agora havia sirenes por toda parte e carros de polícia chegavam de todas as direções. Policiais desciam dos carros e corriam para o prédio. Tudo isso estava acontecendo tão rápido que parecia um sonho... um sonho ruim que não fazia sentido.

A jovem desmaiou nos braços de Brett.

Dois

Luto

-

Pouco a pouco, a história se desenrolou. Dr. Peterson e sua esposa, Susan, choravam abraçados enquanto assistiam às notícias incessantes, agora em todos os canais. Nove alunos foram mortos em um tiroteio na faculdade de religião... incluindo Jamal Washington, Nick Ridley e o atirador, que por fim apontou a arma para si mesmo. Dr. Peterson estava arrasado pela dor e pelo sentimento de culpa. Ele não conseguia parar de se repreender por não ter percebido que isso aconteceria. Por que ele não pressionou os administradores ou a polícia para investigar todas as correspondências ofensivas e as ameaças?

“Bill”, não se culpe. “Não há nada que você pudesse ter feito para impedir. Você informou as autoridades de cada um daqueles bilhetes, disse Susan Peterson enquanto tentava consolar o marido.”

Até o momento, a cobertura jornalística havia revelado que o atirador era um aluno. Assim como tantos outros assassinos universitários, ele era um jovem problemático. Um indivíduo solitário, com poucos amigos. Seu colega de quarto declarou em uma entrevista: “Ele nunca conversava comigo. Algumas vezes nós o convidamos para sair conosco, mas ele sempre dizia ‘não’ e agia de modo desagradável perto de nós. Não tínhamos a menor ideia de que ele estava planejando matar alguém. Apenas o achávamos estranho”.

Outro aluno, membro do clube ateu, comentou que tinha visto o suposto atirador em várias reuniões dos ateístas. “Ele quase não falava, mas quando o fazia sempre parecia irado em relação aos cristãos. Questões de ódio decisivas.”

“Bill”, disse Susan ao assistir à cobertura da TV, “esse aluno que está sendo

entrevistado não me é estranho.”

“Sim, você tem razão”, Bill respondeu. “É Brett. Nick o trouxe aqui após a minha aula. Na verdade, eu iria encontrá-lo esta manhã.”

“Ok, eu me lembro. Ele era aquele com a moto?”

“Ele mesmo. Aluno do curso pré-médico, um rapaz brilhante.”

O repórter olhou para a câmera e disse:

“Estamos entrevistando Brett Wilson, um veterano da Opal University, que estava indo encontrar-se com um professor de religião quando viu uma aluna, coberta de sangue, fugindo do prédio de religião. Brett, conte-nos novamente o que aconteceu.”

“Bem, os alunos estavam saindo do prédio, e um deles, uma jovem, caiu na minha frente quando me aproximava da entrada. Percebi que seu ombro estava ensanguentado, então liguei para o 9-1-1 e minutos depois os policiais chegaram.”

“Antes de irmos ao ar, você também mencionou que já havia encontrado o suposto assassino alguns meses atrás.”

“Exatamente. Não me lembro do nome, mas ele apareceu algumas vezes no clube ateu. Ele não se sentia muito à vontade e parecia alguém difícil de conviver em grupo. Falava coisas que deixavam os outros desconfortáveis. Mas com certeza era inteligente. Lembro-me de que discuti com ele sobre um assunto.”

“Por que vocês discutiram”?, perguntou o repórter.

“Como já mencionei, ele demonstrava muita ira a maior parte do tempo. Foi a uma de nossas reuniões e disse que se Deus não existe, não existe certo ou errado. Como somos apenas o resultado de um processo de evolução determinista, devemos nos livrar de todas as religiões, pessoas com anomalias genéticas e raças inferiores. Foi por isso que discutimos, pois não toleramos racismo no clube. Depois nunca mais o vimos.”

“Por que vocês não apresentaram queixa sobre isso”?, questionou o repórter.

“Sinceramente, nenhum de nós o levava a sério. Achávamos que estava testando filosofias de calouro em nosso grupo. Nunca supusemos que ele realmente era a favor de livrar-se de pessoas. Há muitos racistas no campus, e a maioria deles não volta ao perceber que não compartilhamos de suas visões. Não tínhamos a noção de que esse cara estava falando sério, e até ontem ninguém sabia que o Sr. Washington receberia ameaças de morte.”

Enquanto continuavam assistindo, os Peterson choravam e oravam para que, apesar do horror, Deus fosse glorificado de alguma forma nessa tragédia absurda. Eles oraram pelos pais de Nick, pela família de Jamal e por todos os outros atingidos pelo que acontecera. Principalmente pelos amigos mais próximos de Jamal, Jéssica, Mina, Andrea e Brett.

Três

Dia dos Namorados

-

Algumas participantes do ministério do campus riam ao redor de uma mesa. Era dia 14 de fevereiro, e elas estavam saboreando a sobremesa no restaurante Cheesecake Factory. Andrea estava contando histórias hilárias, e as novas meninas pareciam bem enturmadas. Enquanto as meninas riam, Jéssica reparou que havia rosas na mesa de um casal ali perto. Ela pensara em Nick o dia todo e sentia muita saudade. Quase três meses haviam se passado desde que ele se fora, e embora ela cresse que Deus havia permitido a tragédia, ainda estava ferida.

Como as conversas misturavam-se na mesa, Andrea se inclinou e disse: “Sinto muito, Jéssica. Sei que hoje é um dia difícil para você.”

“Obrigada, Andrea. Desculpe por estar tão distante. De algum modo, mesmo na companhia de minhas melhores amigas, ainda me sinto só.”

“Não, tudo bem. Nick foi maravilhoso e corajoso, e sei que você sente sua falta.”

Os jornais haviam noticiado que Nick morrera tentando proteger Jamal. As redes de comunicação, extraordinariamente, citaram palavras de Jesus “Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos”¹, ao descrever o ato heroico de Nick. O tiroteio estimulou muitos cristãos a ter coragem de demonstrar e explicar sua fé, e a frequência nos ministérios cristãos no campus duplicou.

Várias meninas ouviram Jéssica e Andrea conversando, e agora o grupo todo as observava em silêncio. Chorosa, Jéssica respondeu:

“Muito obrigada, meninas. Amo a todas vocês, e não há outro lugar onde eu quisesse estar além de aqui com vocês.”

“Nós também a amamos, Jéssica, e um dia todas veremos Nick e Jamal novamente”, disse Andrea.

O quê? Como sabemos disso? Lauren pensava consigo mesma enquanto Andrea consolava Jéssica. Lauren, aluna de medicina, havia conhecido esse grupo de garotas por intermédio de Andrea e Brett no clube ateu. Embora os três tivessem deixado o clube, ela continuava agnóstica e não compartilhava das convicções dos outros sobre o céu.

Todas as quartas-feiras à noite os líderes do ministério do campus encontravam-se para tomar café e conversar no Café Caruth Haven. Embora os encontros fossem muito difíceis nas semanas após o tiroteio, eles continuaram reunindo-se, e agora haviam recuperado o ritmo. Jéssica, em especial, aguardava ansiosa pelas reuniões, apesar de sentir falta de Nick.

Quando se reuniram na quarta-feira depois do Dia dos Namorados, Lauren foi a primeira a falar.

“Ok, todos sabem que eu tenho uma porção de perguntas espirituais. Aqui está a primeira, e peço desculpas por sua insensibilidade, mas não consigo parar de pensar sobre o céu. Vocês falam sobre isso com frequência desde o... hum... desde o outono quando...”

“Desde o tiroteio”, disse Andrea.

Lauren concordou com a cabeça, olhando para Jéssica e Mina.

“Por que vocês têm tanta certeza sobre a ideia de céu, e o que imaginam quando falam dele?”

Jéssica foi a primeira a responder.

“Lauren, Jesus falava do céu com frequência. Uma de minhas passagens bíblicas favoritas está em João, capítulo 14, em que Jesus diz aos seus discípulos: “Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito, pois vou prepararvos lugar. E, se eu for e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós também”.² Eu memorizei esses versículos porque me lembram de que Jesus quer passar a eternidade conosco. Há outra passagem que amo no livro de Apocalipse, mas não decorei. Tenho aqui no celular. Espere um minuto.”

Lauren apenas escutava, embora em seu interior discordasse. Eu realmente não deveria interrompê-la, mas há muitas outras religiões que fazem referência à vida após a morte. Não é só o cristianismo que fala sobre o céu.

Jéssica encontrou o versículo.

“No livro de Apocalipse, Deus deu a João uma visão do céu. Veja como João o descreveu”:

E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus. E Deus limpará de seus olhos toda lágrima, e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas.³

Amy, outra agnóstica que veio com Lauren, falou em seguida.

“Ok, quer dizer que nossos amigos que morreram estão no céu agora? Ou isso é para o futuro?”

“Acho que eles estão no céu agora, mas talvez Mina possa explicar melhor — respondeu Jéssica.”

Mina, estudante de Direito em Opal, falou com mais convicção do que Jéssica.

“É uma boa pergunta, Amy. Na verdade, as duas coisas. Sabemos que Deus criará um novo céu e uma nova terra porque a Bíblia diz isso em 2 Pedro e em

Apocalipse. Também creio que nossos amigos estão agora em um lugar real chamado Paraíso porque há evidências na Bíblia para isso. Jesus disse ao ladrão na cruz: “Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso”.⁴ E Paulo escreveu à Igreja em Corinto que “[desejava], antes, deixar este corpo, para habitar com o Senhor”.⁵

Quatro

Jesus Fala sobre o Paraíso

-

Andrea entrou na conversa.

“Li aquela história que Jesus contou sobre um homem rico e Lázaro. Ele narra que os dois homens morrem e vão para o... bem, Lázaro vai direto para o Paraíso.”

“Não conheço essa história”, disse Lauren. “Conte-me mais.”

“Ok, só um minuto. Deixe-me ver se minha Bíblia está na bolsa... não. Estou sem minha Bíblia. Jess, você pode ler essa história? Está em Lucas 16.”

“Claro.” Jess ainda estava aprendendo a manusear a Bíblia, então demorou um pouco. “Ok, é meio longo, então me acompanhem.”

Ora, havia um homem rico, e vestia-se de púrpura e de linho finíssimo, e vivia todos os dias regalada e esplendidamente. Havia também um certo mendigo, chamado Lázaro, que jazia cheio de chagas à porta daquele. E desejava alimentar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico; e os próprios cães vinham lamber-lhe as chagas. E aconteceu que o mendigo morreu, e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão; e morreu também o rico, e foi sepultado. E, no Hades, ergueu os olhos, estando em tormentos, e viu ao longe Abraão e Lázaro, no seu seio. E, clamando, disse: Abraão, meu pai, tem misericórdia de mim e manda a Lázaro que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama. Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro, somente males; e,

agora, este é consolado, e tu, atormentado. E, além disso, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que quisessem passar daqui para vós não poderiam, nem tampouco os de lá, passar para cá. E disse ele: Rogo-te, pois, ó pai, que o mandes à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos, para que lhes dê testemunho, a fim de que não venham também para este lugar de tormento. Disse-lhe Abraão: Eles têm Moisés e os profetas; ouçamnos. E disse ele: Não, Abraão, meu pai; mas, se algum dos mortos fosse ter com eles, arrepender-se-iam. Porém Abraão lhe disse: Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite.⁶

Enquanto Jéssica estava lendo, Andrea observava Lauren tamborilando os dedos e olhando para o nada. Ela parece não gostar muito dessa história.

Ninguém disse nada quando Jéssica terminou, então Mina falou.

“Jéssica estava certa quando disse que Jesus falou sobre o Paraíso. Aqui está outra história.”

Ela abriu sua Bíblia em Lucas e leu: “Antes, ao dares um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos; e serás bem-aventurado, pelo fato de não terem eles com que recompensar-te; a tua recompensa, porém, tu a receberás na ressurreição dos justos”.⁷

Andrea interrompeu.

“O que você acha, Lauren? Sei que está se contendo.”

Lauren deu uma olhada em Andrea.

“Realmente não quero dizer nada que ofenda ou aborreça a vocês, pessoal. Sei que sentem falta de Jamal e Nick, e os respeito por crerem que irão vê-los no céu. Não é que eu seja contra crer na ideia de Deus e Paraíso, mas a história que acabaram de ler não é exclusiva. Muitos filósofos e mestres falaram da vida após a morte. Não foi só Jesus. Não quero ser grosseira, mas, francamente, o que torna os ensinamentos de Jesus sobre a vida após a morte mais críveis que os de Sócrates, Siddhartha Gautama ou Mohammed?”

“Porque o que Jesus disse faz mais sentido”, respondeu Andrea sem pensar.

“Talvez para você, mas para um budista ou muçulmano ou alguma outra pessoa, pode ser que outra visão faça mais sentido. Por que devemos acreditar em Jesus e não neles?”

“A ressurreição,” Mina retrucou.

Lauren ergueu as sobrancelhas. Ela vai ser uma ótima promotora quando terminar a faculdade de Direito.

“O que isso quer dizer”? perguntou Andrea. “Como a ressurreição torna Jesus diferente?”

“Jesus não só falou sobre a vida após a morte. Ele a demonstrou.

“Como assim, Mina”? perguntou Lauren.

“Bem, até a época de Cristo, alguns dos judeus acreditavam que no final os ossos seriam ressuscitados, voltando à vida. No entanto, para muitos deles isso era especulação sem provas. Então Jesus entra em cena dizendo coisas como: “Haverá ressurreição do corpo” e “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá”.⁸ Então Jesus começou a chamar as pessoas a crer nEle a fim de receberem a plenitude das promessas da ressurreição. Em seguida, contou aos seus discípulos que Ele seria entregue nas mãos de homens pecadores, e crucificado, e no terceiro dia ressuscitaria.⁹ As palavras preditas por Jesus seriam comprovadas quando, mais tarde, Ele cumpriu todos esses detalhes e ressurgiu dos mortos fisicamente. Jesus também contou aos seus seguidores: “Porque eu vivo, e vós também vivereis”. ”¹⁰

Lauren havia escutado o suficiente. Ela estava frustrada com todas aquelas afirmações sobre a ressurreição de Jesus, mas não tinha certeza de como contestá-los. Também queria evitar outro debate religioso em que ela sempre era superada. Pode ser que Deus exista, mas esse negócio de Jesus me parece artificial e fanático, pensou Lauren. Como vou sair dessa?

“Meninas, não pretendia que fizéssemos um debate religioso esta noite. Sei que sua fé cristã lhes traz conforto, mas realmente acho que vocês não têm como saber que a ressurreição de Jesus é verdade. Quero dizer, mesmo se eu fosse cristã, acho que não poderia acreditar que Ele ressurgiu dos mortos literalmente. Ele tinha algumas palavras agradáveis, e sei que o cristianismo tem a ver com

pessoas com pensamentos bons, amando uns aos outros sem julgar e lutando pela justiça social, mas por que dar tanta importância à ressurreição?”

Lauren franziu as sobrancelhas, e então continuou:

“Vocês sabem, nem o pastor da igreja a que eu pertencia acreditava que isso foi literal. Ele costumava dizer que Cristo ressurge no coração daqueles que creem. Aquilo sempre fez sentido para meus pais, e não vejo nada de errado nisso.”

Dessa vez, Jéssica falou.

“Lauren, se você decidir se tornar cristã, terá que acreditar na ressurreição histórica de Cristo. Este é o fundamento do cristianismo. O apóstolo Paulo disse: “E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados”.¹¹ Sem a ressurreição, o cristianismo não funciona. Jesus morreu para pagar pelos pecados do mundo. Se Ele mesmo fosse culpado de pecado, não teria voltado à vida, já que a punição pelo pecado é morte. O fato de ter voltado a viver prova que Ele não tinha pecado, e isso significa que sua morte foi um pagamento legítimo pelo meu pecado. Pelos pecados de todos. Por isso Paulo disse que ainda estamos em nossos pecados se Cristo não ressuscitou dos mortos. Significaria que seu pagamento não foi aceito por Deus. Sei que parece grosseiro, mas tenho que falar. Alguém que nega a ressurreição corporal de Jesus Cristo não é um verdadeiro cristão.”

Que crítica é essa!? Quem é ela para decidir quem é um cristão verdadeiro ou não?

“Bem, obrigada por sua opinião, Jéssica”, disse Lauren. “É um pouco intolerante, mas sei que ainda está abalada. Também sei que Brett e Scott estão mais interessados do que eu nesse assunto de Jesus histórico. Deveríamos guardar tudo isso para a próxima vez em que estiverem conosco.”

“É uma boa ideia”, disse Mina. “Além disso, preciso voltar aos livros e estudar. Tenho prova amanhã.”

Cinco

Por que Jesus Precisou Morrer?

-

“Como foi a noite passada”?, perguntou Brett. Ele viu Lauren a caminho da aula e correu para alcançá-la.

“Foi estranha. Gosto daquelas meninas, e sei que se preocupam comigo, mas elas têm respostas para tudo”, disse Lauren.

“Talvez elas creiam nisso.”

Lauren olhou para ele.

“O que isso quer dizer?”

“Lembra-se de quando estávamos com Jason e Regina, e eles começaram a fazer comentários sobre cuidados com a saúde? Você não teve problemas em mostrar quem estava com a razão naquela noite. Na verdade, acho que a Regina nunca lhe perdoou!”

Eles riram, lembrando a cena embaraçosa.

“E qual a sua opinião”?, perguntou Lauren.

Que aquelas garotas apenas se importam com sua fé. Elas se interessam por aquilo em que creem e estão sempre estudando para descobrir o que é verdade.

Lauren parou no meio da calçada.

“Brett, você quer me contar alguma coisa?”

“Não, só estou dizendo que você não deve se preocupar com todas as respostas. Elas importam-se com sua crença e eu as respeito por isso.”

“Também me importo com o que creio”, disse Lauren. “É por isso que não acredito em mitos e lendas.”

Na quarta-feira seguinte, à noite, Andrea e Jéssica chegaram cedo e se sentaram na área externa. Enquanto esperavam seus amigos, conversavam sobre os estudos, as reuniões anteriores do I am Second [Eu Sou o Segundo] e a grande saudade que ainda sentiam de Nick. Elas estavam orando pela conversa daquela noite quando Lauren, Scott, Amy e Brett chegaram.

Eles conversaram um pouco sobre o furacão na Costa Leste, o novo jogador contratado pelo Dallas Cowboys e sobre um professor de outra universidade que foi demitido por causa de suas declarações relacionadas a questões morais. Então Brett mudou o foco da conversa para o assunto da semana anterior.

“Andrea e Jéssica, Lauren contou-me sobre o debate da semana passada acerca da ressurreição. Vocês sabem que sempre fui ateu, mas recentemente me interessei pela vida após a morte e pela possibilidade de existir o céu. Poderiam falar um pouco mais sobre a relação entre vida após a morte e a ressurreição física de Cristo? Ouvi filósofos cristãos falando sobre isso, mas ainda não entendi.”

Jéssica falou primeiro: “Jesus disse aos seus discípulos que, por Ele viver, eles também viveriam, embora tenha predito a morte deles. Em outras palavras, Jesus estava prometendo a vida eterna. João registrou Jesus prometendo a vida eterna aos seus seguidores, mas além disso, em algumas de suas últimas palavras, Jesus disse a Pedro que ele seria martirizado. Queria que Mina ou o Dr. Peterson estivesse aqui para ajudar a explicar isso do ponto de vista acadêmico. Pelo que me lembro, havia alguns grupos judeus, como os fariseus, que acreditavam que o corpo humano um dia seria ressuscitado, mas Jesus não ensinou isso apenas. Na verdade, Ele demonstrou e provou suas afirmações ressuscitando dos mortos literalmente.”

Lauren replicou: “Por que vocês cristãos creem que Jesus teve que morrer? Por que um Deus amoroso recorreria a tal crueldade?”

“O propósito da morte de Cristo foi restaurar nosso relacionamento com Deus”, disse Jéssica. “Todos nós nascemos pecadores, e pecadores não podem ficar diante de Deus, porque Ele é santo. O pecado é como sujeira. Se você esteve trabalhando em seu jardim e entra em casa todo coberto de lama e suor, não pode abraçar sua irmã que está experimentando seu vestido de noiva. Você precisa se limpar primeiro. É assim com o pecado e Deus. Infelizmente, o único pagamento pelo pecado é a morte, e só a morte de uma pessoa perfeita pode pagar pelos pecados de alguém. Só algo limpo pode limpar algo sujo.¹² Jéssica fez uma pausa, organizando seus pensamentos.”

“Continue”, disse Brett.

“Bem, a única pessoa perfeita foi Jesus Cristo. Ele era perfeito por ser o Filho de Deus, não o filho de um homem pecador. Então Jesus era a única pessoa que podia pagar o preço pelos pecados dos outros. Um de meus versículos favoritos é João 3.16. Diz assim: ‘Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna’.”¹³

Brett interrompeu: “Ok, Jéssica, deixe-me bancar o advogado do Diabo. Se Deus é todo-poderoso, por que não pode simplesmente perdoar a todos? Quero dizer, se Scott me faz algum mal, posso perdoá-lo. Ninguém precisa ser torturado ou morto. Se Deus é Deus e pode fazer qualquer coisa, por que não pode nos perdoar apenas? Por que Jesus teve que morrer?”

“Posso responder essa”?, perguntou Andrea.

“Claro”, respondeu Brett.

“Eu costumava fazer o mesmo questionamento. Aqui está a resposta. Deus não pode fazer tudo. Ele não pode fazer coisas que são contrárias à sua natureza. As Escrituras afirmam isso.”

“Como assim”?, disse Scott. “Eu achava que Deus era capaz de fazer qualquer coisa.”

Andrea replicou: “Pense nisso, Scott. A Bíblia diz que para Deus é impossível

mentir. Por quê? Por que Ele é a verdade. Para Deus, é impossível fazer coisas ilógicas, como um ‘solteiro casado’ ou um ‘círculo quadrado’ ou ‘uma pedra tão grande que Ele não consiga levantar’. Deus não pode pecar. Ele é um Deus de ordem e santidade, e não pode fazer nada contrário ao seu caráter ou a quem Ele é.”

“Então, Andrea ou Jéssica, explique de novo o que isso tem a ver com o fato de que Jesus teve que morrer”, disse Lauren.

“Claro”, respondeu Jéssica. “Era o que eu estava tentando descrever com o exemplo do vestido de noiva. Deus, em seu caráter, é santo. Isso significa que Ele está completamente separado do pecado. Sua natureza, ou caráter, como Andrea chamou, também é justa e íntegra. Para Ele, deixar o pecado sem punição seria injusto. No entanto, Deus também é amor. Então Ele enviou seu Filho, Jesus Cristo, para ser o sacrifício perfeito para pagar pelo pecado. No Antigo Testamento, o sacerdote mataria um cordeiro perfeito e confessaria os pecados do povo. Embora não fosse um sacrifício suficiente — animais não podem pagar pelos pecados das pessoas — Deus permitiu que isso prefigurasse algo melhor que estava por vir. Esse ‘algo melhor’ era Cristo. Como o sacrifício tinha que ser perfeito, tinha que ser Deus, já que só Deus é perfeito. E como tinha que ser humano a fim de pagar pelo pecado dos homens, Deus tinha que assumir a forma humana. Então Cristo, que era plenamente Deus e existia com Deus desde a eternidade,¹⁴ assumiu a humanidade e veio ao mundo para morrer por nós. Ele satisfez tanto a justiça quanto a santidade de Deus, e expressou o amor de Deus ao mesmo tempo. É por isso que podemos ser perdoados.

“Bela explicação, Jéssica. O que ela acabou de descrever chama-se propiciação”, disse Mina enquanto puxava uma cadeira.”

“Que bom vê-la, Mina”, disse Lauren.

“Bom ver vocês também — todos vocês!”

“Mina”, disse Brett, “estamos conversando sobre a morte e a ressurreição de Cristo, com as implicações do céu. É lógico que não estou convencido de que haja alguma conexão. Você pode nos dizer por que acredita que a ressurreição é tão importante?”

“Bem, a ressurreição de Jesus demonstra sua vitória sobre a morte. Como cristãos, sofremos por causa da morte, mas ainda temos esperança — a

esperança da vida eterna. Brett, você sabe que Jamal e eu éramos bem próximos, certo? Acho que ele era o meu melhor amigo. Eu me importava muito com ele, e nos dois primeiros meses após sua morte não conseguia nem me concentrar em meus estudos. Se dois professores não me dessem um prazo maior, eu agora estaria um semestre atrasado. Mas uma vez que a dor de perdê-lo agora começou a diminuir, coloco meu coração no fato de que o verei de novo porque Jesus venceu a morte. Jesus provou isso com sua ressurreição, e falou a respeito enquanto estava na terra. Jéssica e Andrea, embora também tenham sofrido perdas no tiroteio, vocês concordam que têm esperança?”

“Sim”, concordou Jéssica, derramando uma lágrima. “Eu tinha orado para me casar com Nick, e quando começamos a namorar de novo, pensei mesmo que a pessoa certa era ele. Eu ainda não superei por completo, mas a ressurreição de Jesus me dá a motivação para sair da cama todas as manhãs e viver a vida ao máximo, apesar de ainda estar triste e às vezes me sentir deprimida.”

“Bem, fico feliz que funcione para você”, respondeu Lauren.

Andrea fixou os olhos nela.

“O quê? Estou falando sério!”

“O que você está dizendo é que embora ‘funcione’ para Jéssica, não é objetivamente verdade. Você está insinuando que a fé dela é falsa.”

“Desculpe”, respondeu Lauren.

Amy pigarreou e todos olharam para ela.

“Ok, não sou tão esperta quanto Lauren ou Brett, mas quero saber por que vocês acham que têm essa esperança.”

Jéssica sorriu. “Para mim é porque Jesus é um Deus pessoal, que veio como homem e entende o sofrimento e a morte. Quando Nick morreu, pensei que estava passando pelo sofrimento mais profundo que alguém poderia contar, mas agora sei que não era verdade. Deus Pai sabe o que é a perda porque Ele perdeu seu Filho. Ele pode se identificar comigo e tem sido o meu ‘refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia’.¹⁵ O salmo mais conhecido contém a declaração de que não estaremos sozinhos na morte. ‘Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo; a tua

vara e o teu cajado me consolam’.”¹⁶

Mina completou: “Como Jéssica, eu sofri pela perda de Jamal, Nick e outros alunos quando foram assassinados há três meses. Um de meus versículos preferidos de Paulo está em 1 Tessalonicenses:

‘Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança’.¹⁷ Paulo não está dizendo que os cristãos não sofrem, mas que o nosso sofrimento não é como o das pessoas que não têm esperança em Cristo e na vida após a morte”.

Seis

Posso Ser Cristão sem Crer na Ressurreição?

-

“Ok, tenho uma pergunta para vocês”, disse Lauren. “Semana passada, mencionei que estava aberta à ideia de crer em Deus, e que eu poderia até vir a ser uma cristã sem acreditar na ressurreição de Jesus. Então uma de vocês disse — acho que foi você, Jéssica — que não se pode ser cristão sem a ressurreição. Achei isso meio intolerante, e falei. O que eu gostaria de saber é por quê? Por que não posso ser cristã sem acreditar na ressurreição?”

Brett balançou a cabeça. “Sei que você nos enviou um e-mail sobre isso, Lauren, mas não tive tempo de investigar a respeito na semana passada. Desculpe.”

“Encontrei um livro sobre isso”, disse Scott, um doutorando em história. “Descobri alguns ateus que escreveram sobre o assunto e também li algumas pesquisas do Dr. Gerd Lüdemann. Embora ele critique os milagres nos Evangelhos, parece reconhecer a importância da ressurreição para o cristianismo.”

Scott remexia em sua mochila enquanto falava. “Ok, aqui está. Lüdemann escreve: ‘A ressurreição de Jesus é o ponto central da religião cristã... É evidente que tudo simplesmente depende do evento da ressurreição de Jesus’.”¹⁸

Mina olhou para Scott e Lauren. “Podemos discordar de Lüdemann sobre a ressurreição ter acontecido ou não, mas ele acertou em cheio em relação à sua importância.”

Jéssica olhou de relance para Lauren. “Lauren, eu não disse aquilo por ser intolerante. Eu disse aquilo porque depois que me tornei cristã e comecei a ler o Novo Testamento, a ressurreição parece ser o foco da igreja desde seu início. O livro de Atos, no Novo Testamento, nos conta a história do início da igreja cristã

e ilustra isso muito bem. Sublinhei alguns versículos que ilustram o que eu disse. Posso mostrá-los?”

“Claro. Eu até trouxe minha Bíblia para verificar algumas afirmações que vocês fazem”, respondeu Lauren.

Jéssica abriu sua Bíblia. “No primeiro capítulo de Atos, os onze apóstolos estavam tentando decidir sobre a substituição de Judas, que havia se enforcado após o julgamento de Jesus. Um critério para selecionar um apóstolo era que ele ‘deve se tornar uma testemunha da ressurreição’.¹⁹ Lauren, se você quiser me acompanhar, vá para o próximo capítulo. Aqui, Pedro faz seu primeiro sermão no dia de Pentecostes. O princípio básico de seu discurso foi a morte e ressurreição de Cristo. Você gostaria de ler Atos 2.23,24?”

“É claro.” Lauren encontrou a página e leu: “A este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, tomando-o vós, o crucificastes e matastes pelas mãos de injustos; ao qual Deus ressuscitou, soltas as ânsias da morte, pois não era possível que fosse retido por ela”.²⁰

Jéssica continuou: “Então, em seu segundo sermão, Pedro diz: ‘E matastes o Príncipe da Vida, ao qual Deus ressuscitou dos mortos, do que nós somos testemunhas’.²¹

“Além disso, Lauren, em minha Bíblia digital, descobri que Paulo se refere à ressurreição de Jesus 53 vezes em suas epístolas. A maioria desses textos declaram a primazia da ressurreição, a garantia que nos dá e a esperança de nossa futura ressurreição corporal. Anotei uma passagem em que Paulo enfatizou a centralidade da ressurreição em sua carta aos tessalonicenses.”

Jéssica procurou a passagem e leu: “Porque eles mesmos anunciam de nós qual a entrada que tivemos para convosco, e como dos ídolos vos convertestes a Deus, para servir ao Deus vivo e verdadeiro e esperar dos céus a seu Filho, a quem ressuscitou dos mortos, a saber, Jesus, que nos livra da ira futura”.²²

“Ok, Jéssica, de certa forma posso perceber por que você acha que a ressurreição é importante para a fé cristã. E estou admirada de como você conhece sua Bíblia. Mas sempre pensei que o cristianismo estivesse mais centrado nos ensinamentos de Jesus.”

Andrea parecia ansiosa para responder. “Os ensinamentos de Cristo são importantes, mas a ressurreição de Cristo é central para a vida da igreja. Trouxe

um livro sobre isso escrito por N. T. Wright, um erudito inglês e especialista no assunto.” Ela abriu e leu um dos livros que estavam na mesa à sua frente.

Não há uma forma de cristianismo primitivo conhecido por nós — embora existam algumas inventadas por eruditos habilidosos — que não afirme bem no fundo que depois da morte vergonhosa de Jesus, Deus o ressuscitou. Já na época de Paulo, nossos registros escritos mais antigos, a ressurreição de Jesus não é apenas um artigo de fé isolado. Está entrelaçado na estrutura da vida e do pensamento cristãos.²³

Andrea deixou o livro de lado e pegou outro, no qual fizera várias marcações. “Deixe-me ler outra conclusão encontrada no Dictionary of the Apostolic Church (Dicionário da Igreja Apostólica).”

Dr. F. Strauss, por exemplo, o mais sarcástico e insensível dos críticos da igreja quando se trata da ressurreição, reconhece que ela é o ‘teste decisivo não só da vida de Jesus, mas do próprio cristianismo’, que ‘toca no âmago do cristianismo’, e que é ‘decisiva para a visão total do cristianismo’ (New Life of Jesus, Ing. Tr. 2 vols., Londres, 1865, i. 41,397). Se ela se for, tudo que é vital e essencial no cristianismo se vai; se ela fica, tudo o mais fica. E ao longo dos séculos, de Celso em diante, a ressurreição tem sido o foco do ataque à fé cristã.²⁴

Brett se pronunciou. “Acho que foi Jéssica que mencionou antes que Cristo predisse sua morte. Ou seja, isso parece meio embaraçoso para os discípulos e o cristianismo, já que eles não entenderam, não é? Qual o lugar exato na Bíblia em que Jesus prediz sua morte? Alguém pode me mostrar esses versículos?”

Mina respondeu logo. “Em primeiro lugar, de uma perspectiva histórica, os detalhes embaraçosos das falhas dos discípulos parecem indicar a veracidade do que realmente aconteceu. Se os apóstolos estivessem inventando histórias a respeito deles, parece pouco provável que incluiriam tantos fatos embaraçosos

sobre si próprios. Ou seja, Jesus falar vez após vez que iria morrer e ressuscitar dos mortos, e eles ainda não terem entendido? É vergonhoso! Mas leia de uma perspectiva histórica, o que acrescenta credibilidade.”

Mina tomou um gole de seu vanilla latte e continuou: “Se um escritor está criando uma história, tende a exagerar o positivo e deixar de lado os embaraços. Esses judeus haviam aprendido em sua cultura que o Messias seria um líder político, ao passo que a cruz era vista como o método de execução mais desprezível em qualquer lugar. A ideia de seu salvador político morrendo em uma cruz era inimaginável. Se me der um segundo, vou procurar em meu computador as referências de Cristo predizendo sua ressurreição”.

“Enquanto você procura, gostaria de compartilhar mais uma passagem que eu trouxe mostrando a importância da ressurreição para os discípulos”, disse Andrea. “Foi escrita pelo Dr. William Lane Craig.”

É difícil exagerar quão devastador deve ter sido o efeito da crucificação sobre os discípulos. Eles não tinham noção de um Messias morrendo, muito menos ressuscitando, pois o Messias reinaria para sempre (cf. Jo 12.34). Sem crer previamente na ressurreição, crer em Jesus como Messias teria sido impossível à luz de sua morte.

A ressurreição transformou a catástrofe em vitória. Porque Deus ressuscitou Jesus dos mortos, Ele poderia ser proclamado como Messias afinal (At 2.32,36). De igual modo para o significado da cruz — foi sua ressurreição que permitiu que a morte vergonhosa de Jesus fosse interpretada em termos salvíficos. Sem ela, a morte de Jesus teria significado apenas humilhação e acusação por Deus. Mas diante da ressurreição, ela pôde ser vista como o evento pelo qual se alcançou o perdão dos pecados. Sem a ressurreição, o caminho cristão nunca teria vindo a existir. Mesmo se os discípulos tivessem continuado a se lembrar de Jesus como seu Mestre amado, não poderiam ter acreditado nele como Messias, muito menos como divindade.²⁵

Sete

Jesus Predisse sua Morte e Ressurreição?

-

Lauren olhou para Brett. “Brett, alguns desses assuntos de Bíblia estão ficando maçantes: que importa que Cristo predissem sua ressurreição no Novo Testamento?”

Brett fez uma pausa antes de falar. “De uma perspectiva histórica — o texto bibliográfico, como Jamal dizia — a literatura bíblica parece precisa. Embora eu ainda seja cético acerca da ressurreição, acho que foi provado que eu estava errado sobre a historicidade de Cristo quando Jamal e o Dr. Peterson mostraram-me que o Novo Testamento tem mais manuscritos, manuscritos mais antigos e cópias mais precisas do que qualquer outra obra da antiguidade. Há mais fontes não cristãs que fazem referência a Jesus do que a César. Então, de uma perspectiva histórica, eu gostaria de investigar e ver se talvez os discípulos inventaram isso. Pilatos ficou preocupado de que os discípulos pudessem ter roubado o corpo, e mesmo lendo a Bíblia, não me lembro de Jesus falando aos seus discípulos vez após vez que iria ressuscitar.”

“Acho que Brett está certo, Lauren”, disse Scott. “Com minha tese de doutorado em história, aprendi que não podemos simplesmente rejeitar isso e dizer ‘Oh, está na Bíblia, não podemos levar a sério’. Se adotarmos esse ponto de vista, provavelmente começaríamos a duvidar de tudo na história. Acho que devemos observar o texto e ver o que está lá.”

“Isso é importante”, respondeu Mina, “porque Jesus não só predissem sua ressurreição, mas também enfatizou que seu ressurgir dos mortos seria o ‘sinal’ para autenticar sua declaração de ser o Messias. Se Ele estivesse errado aqui, teria sido um dos maiores impostores e enganadores de todos os tempos. Aqui estão as referências que encontrei”.

Mina voltou-se para seu computador, deu uma olhada nas referências, e em seguida passou-as para Brett ler em voz alta:

Desde então, começou Jesus a mostrar aos seus discípulos que convinha ir a Jerusalém, e padecer muito dos anciãos, e dos principais dos sacerdotes, e dos escribas, e ser morto, e ressuscitar ao terceiro dia. (Mt 16.21)

Eis que vamos para Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas, e condená-lo-ão à morte. E o entregarão aos gentios para que dele escarneçam, e o açoitem, e crucifiquem, e ao terceiro dia ressuscitará. (Mt 20.18,19)

E, descendo eles do monte, ordenou-lhes que a ninguém contassem o que tinham visto, até que o Filho do Homem ressuscitasse dos mortos. E eles retiveram o caso entre si, perguntando uns aos outros que seria aquilo, ressuscitar dos mortos. (Mc 9.9,10)

Responderam, pois, os judeus e disseram-lhe: Que sinal nos mostras para fazeres isso? Jesus respondeu e disse-lhes: Derribai este templo, e em três dias o levantarei. Disseram, pois, os judeus: Em quarenta e seis anos, foi edificado este templo, e tu o levantarás em três dias? Mas ele falava do templo do seu corpo. Quando, pois, ressuscitou dos mortos, os seus discípulos lembraram-se de que lhes dissera isso; e creram na Escritura e na palavra que Jesus tinha dito. (Jo 2.18-22)

“Então, Brett, você acredita que Jesus morreu?”, perguntou Andrea.

“Bem, sim. Vou admitir que Ele morreu.”

“E vocês, Scott, Lauren e Amy?”

Eles fizeram um gesto com a cabeça concordando, mas Lauren comentou: “Não tenho certeza de que realmente saberemos”.

Andrea balançou a cabeça e disse: “Brett, você acredita que Jesus morreu na história. Você crê que Ele ressuscitou dos mortos?”

“Não.”

“O que aconteceu então? Por que o túmulo estava vazio?”

“Não tenho certeza. Talvez mulheres rústicas e simples pescadores confundiram o túmulo.”

“Sério?”, Andrea disparou. “Você acha mesmo? E o que você quer dizer com mulheres rústicas? Você quer dizer que eram ignorantes? Qual é a sua base para dizer isso? Parece-me machista. Marcos, uma fonte antiga, registra que o túmulo pertencia a José de Arimateia, um conhecido membro do Sinédrio e líder na comunidade. Ele também era ignorante? E Pedro e João podiam ser simples pescadores, mas não significa que não soubessem ler ou escrever, ou falar várias línguas. Não há razão para duvidar da inteligência deles ou do senso comum, e supor que todos eram uma gente simples que confundiram o local do túmulo. É uma opinião simplesmente grosseira!”

“Andrea...”, disse Mina.

“Tudo bem”, disse Brett. “Talvez eu realmente não acredite nisso. Mas tenho certeza de que há uma explicação racional. Parece que o que precisamos fazer é investigar a ressurreição de uma perspectiva histórica. Se as evidências mostrarem-se a favor, então estou prestes a me tornar um cristão. No entanto, pelo testemunho da história e da lei, não acho que alguém possa de fato saber. Estou disposto a pesquisar a respeito e nos reunir novamente na próxima semana para partilhar as descobertas. Vocês estão dispostos a estudar o assunto?”

“Acho que sim”, respondeu Lauren. “Especialmente se os cristãos estiverem dispostos a ler algumas fontes não cristãs. Vocês já leram A Origem das Espécies, de Darwin, ou Deus, um Delírio, de Dawkins?”

“Já li os dois”, respondeu Andrea de imediato. “Eu estava em seu clube ateuista no ano passado, lembra?”

“Mina?”

“Li boa parte dos dois.”

“Jéssica? Você já leu?”

“Dawkins não, mas li parte de Darwin no Ensino Médio.”

Lauren não resistiu e alfinetou. “Vocês conhecem milhares de versículos bíblicos, mas não parecem tão interessados em investigar o outro lado.”

“Outro lado?”, respondeu Jéssica. “Eu estava vivendo o outro lado há um ano. Sou cristã há apenas nove ou dez meses, Lauren. Mina é a única cristã há muito tempo. Suponho que eu era uma ateísta porque não acreditava em Deus, mas não estava investigando de verdade algo instigante. Estava só me divertindo.

Mina pronunciou-se: “Não me importo de explorar esses livros, mas, na verdade, eles tratam de um assunto diferente. Eu mesma tenho algumas perguntas sobre evolução darwinista de uma perspectiva científica quanto a compilação, complexidade irreduzível e falta de evidências nos registros fósseis. Mas seja qual for sua opinião sobre Darwin, você ainda precisa combater com a historicidade de Cristo. Quero dizer, há cristãos que discordam acerca da evolução, mas ela não contesta a ressurreição! Se você pensa assim, passou da evolução para uma ideia filosófica e preconceito antissobrenatural”.

Scott se pronunciou: “Não tenho certeza sobre essa parte de preconceito antissobrenatural, mas acho que você está certa quanto a nos mantermos no assunto e investigar a ressurreição de uma perspectiva histórica”.

“Scott, admiro sua mentalidade aberta”, replicou Mina. “Quando ocorre um evento na história e há pessoas vivas suficientes que foram testemunhas ou que participaram do acontecimento, e quando a informação é publicada, deve ser possível verificar a validade do evento por meio de evidências circunstanciais.”

“Concordo com você, e vou investigar isso com Brett, Amy e Lauren. Daqui a duas semanas nos encontramos de novo.”

Oito

Considerando outras Possibilidades

-

Cerca de uma semana depois, Scott dirigiu-se à biblioteca. Ele pediu que Brett fosse também, mas quando Brett apareceu, parecia preocupado com seu trabalho de química avançada.

“Lamento por não poder ajudá-lo, Scott, mas me conte se encontrar algo interessante”, disse Brett do outro lado da mesa.

Scott saiu da mesa por um instante e voltou com uma pilha de livros. Após folheá-los por quarenta e cinco minutos, Scott respirou fundo e disse: “Interessante”.

“O que?”, perguntou Brett.

“Isso é inacreditável. Estou lendo uma citação de Thomas Arnold, que foi o famoso diretor da Rugby, autor dos três volumes de História de Roma, indicado para a cátedra de história moderna em Oxford, e um homem que entende bem a importância das evidências ao definir fatos históricos. Ele declarou:

A evidência da vida, morte e ressurreição de nosso Senhor pode se mostrar satisfatória, como tem ocorrido com frequência; ela é boa de acordo com as regras comuns para distinguir o bem e o mal. Milhares e milhares de pessoas chegaram a essa conclusão pouco a pouco, tão cuidadosamente quanto um juiz recapitulando os fatos em um caso muito importante. Eu mesmo fiz isso muitas vezes, não para convencer os outros, mas para minha própria satisfação. Durante muitos anos, tive o costume de estudar as histórias de outras épocas, e analisar e ponderar as evidências daqueles que escreveram a respeito, e não conheço um

fato da história da humanidade que seja provado com toda sorte de evidências melhores e mais completas, para o entendimento de um pesquisador justo, do que o grande sinal que Deus nos tem dado de que Cristo morreu e ressuscitou.²⁶

“Ele provavelmente era preconceituoso”, comentou Brett.

“Bem, talvez, mas admiro que ele tenha analisado cuidadosamente não para convencer os outros, mas para sua própria satisfação. Estou pensando em me envolver em uma análise semelhante. Tenho me deparado com várias conclusões parecidas de filósofos ilustres. John Locke, um dos intelectuais mais veementes de seu século, concluiu em sua obra *A Second Vindication of the Reasonableness of Christianity* (Uma Segunda Justificação da Racionalidade do Cristianismo):

Há algumas particularidades na história de nosso Salvador que podem ser apropriadas de modo tão peculiar ao Messias, inúmeras marcas dEle, que acreditar serem de Jesus de Nazaré era, de fato, o mesmo que crer nEle como sendo o Messias, e assim apresentadas para expressar isso. A principal dessas marcas é sua ressurreição dentre os mortos; sendo Ele o Messias, não era nem um pouco estranho que aqueles que acreditavam em sua ressurreição se manifestassem crendo que Ele era o Messias, já que declarar sua ressurreição era declarar que era o Messias.²⁷

Brett olhou para Scott com um sorriso. “Talvez Jesus não tenha morrido. Os muçulmanos creem que houve uma substituição e alguma outra pessoa morreu. Ou talvez pensaram que Ele morreu, mas Ele na verdade sobreviveu.”

“Espere aí, Brett. Você está brincando, não está? Você já admitiu para Lauren que acredita que Ele morreu.”

“Sim, admiti. Você está certo.” Brett riu. “Não sei. Acho que existe uma chance de que Jesus tenha vivido, mas você está certo quanto a Jamal e Dr. Peterson terem nos falado meses atrás que até os eruditos mais céticos confirmam esse assunto. Ainda devemos investigar. Marcos provavelmente foi o primeiro a

escrever seu Evangelho. O que ele diz?”

Scott folheou uma Bíblia até o final de Marcos. Depois de passar os olhos por algumas páginas, leu para Brett:

Então, Pilatos, querendo satisfazer a multidão, soltou-lhes Barrabás, e, açoitado Jesus, o entregou para que fosse crucificado. E os soldados o levaram para dentro do palácio, à sala da audiência, e convocaram toda a coorte. E vestiram-no de púrpura e, tecendo uma coroa de espinhos, lha puseram na cabeça. E começaram a saudá-lo, dizendo: Salve, Rei dos judeus! E feriram-no na cabeça com uma cana, e cuspiram nele, e, postos de joelhos, o adoravam. E, havendo-o escarnecido, despiram-lhe a púrpura, e o vestiram com as suas próprias vestes, e o levaram para fora, a fim de o crucificarem.²⁸

“Sabe, Brett, talvez eu não devesse apenas aceitar as palavras do Dr. Peterson ou do Jamal sobre todos os estudiosos que afirmam que Cristo morreu. Talvez haja outras explicações. Você está certo sobre os mulçumanos crerem que uma mudança aconteceu. Tenho certeza de que crucificaram o alvo pretendido, mas quem sabe alguma parte da história foi “aumentada”. Historicamente, por que as pessoas acreditam que esse método de matar específico dos romanos ocorreu na época de Jesus? Vou verificar agora mesmo. Além disso, também não tenho muita certeza a respeito desse José de Arimateia que Mina mencionou. Supõe-se que ele forneceu o túmulo onde Cristo foi sepultado.

“Você deve dar uma olhada, Scott.”

Eles sentaram-se por um momento sem falar nada. Bret estava pensando que não devia deixar seu amigo com toda a pesquisa, principalmente porque foi ele que tinha envolvido Scott nessa conversa espiritual com os cristãos.

Scott estava pensando que devia estar pesquisando mais para seu trabalho de história da América Espanhola. Então de novo, se ele encontrasse um assunto mais interessante, talvez seu professor de História Romana Antiga o deixasse mudar alguns tópicos do seu trabalho final, muito embora “crucificação” não fosse um tema que fizesse parte daquele curso. No entanto, mesmo que seu professor não deixasse, ele precisava saber a verdade. Para ser intelectualmente

honesto, tinha que enfrentar o Cristo histórico. Mesmo se a ressurreição fosse o maior engano da história, Scott estava ciente de que precisava saber em que ele acreditava. O que de fato aconteceu? Corpo roubado? Túmulo errado? Invenção dos discípulos? Alucinações? Todas essas opções tinham que ser exploradas.

Brett interrompeu seus pensamentos. “Sabe, Scott, vou ver se consigo aprender algo sobre a crucificação de Cristo de uma perspectiva científica ou médica. Eu duvido, mas vamos ver.”

Nos dias que se seguiram, Scott dormiu pouco enquanto meditava sobre a pesquisa. À medida que estudava, descobriu um consenso entre estudiosos de que Jesus foi morto por crucificação, um método de execução romano comum. Scott fez várias anotações de descrições perturbadoras dessa prática repulsiva. Acerca do flagelo romano infligido naqueles a serem executados, Bispo Eusébio de Cesareia, historiador da igreja do terceiro século, escreveu que as “veias da vítima ficavam expostas, e... até os músculos, nervos e vísceras”.²⁹ De acordo com os livros que Scott pesquisou, muitas vítimas flageladas não sobreviviam à tortura que antecedia a crucificação.

Ao pesquisar o sepultamento no túmulo de José de Arimateia, Scott queria ter uma perspectiva histórica de túmulos e sepulcros. Quanto ao sepultamento dado a Cristo, Scott anotou uma observação interessante de W. J. Sparrow-Simpson.

O costume romano era deixar a vítima de crucificação pendurada na cruz para servir de alimento para aves e animais terrestres. Mas quem pensaria em dizer que não havia exceções a essa regra? Josefo (Autobiografia, cap. 75; Guerras dos Judeus, IV, v. 2) persuadiu o imperador Tito a tirar da cruz três pessoas crucificadas enquanto ainda estavam vivas. Alguém argumentaria que isso não é histórico porque a regra dizia o contrário?

Sem dúvida, o costume judaico era o sepultamento do condenado. Essa era a lei judaica. Mas Josefo nos declara que até mesmo os judeus infringiam a lei do sepultamento algumas vezes. Em Guerras dos Judeus, ele escreve: “Em sua impiedade eles chegavam a ponto de descartar corpos sem sepultamento, embora os judeus costumassem ter muito cuidado ao sepultar as pessoas, pelo que tiravam os corpos daqueles que eram condenados e crucificados, e os sepultavam

antes do pôr do sol”.

(Alguns acreditam) que parentes podiam obter permissão para sepultar um condenado. No entanto, nenhum parente obteve essa permissão para sepultar o corpo de Jesus: nem mesmo um dos Doze. Os três homens crucificados que Josefo persuadiu a autoridade imperial a tirar da cruz não eram parentes seus; eram apenas amigos. Ele “se recordava deles como conhecidos”. Há fortes argumentos contra a probabilidade do pedido de Josefo, ainda mais por ter sido concedido. Ninguém, contudo, parece duvidar dos fatos. Eles constantemente são citados como se fossem verdadeiros. Por que José de Arimateia não poderia fazer um pedido semelhante a Pilatos?³⁰

Nove

Evidência Médica para a Crucificação

-

No final da semana seguinte, Scott e Brett estavam de volta à biblioteca. Scott deixou sua Bíblia aberta, verificando se conseguiria descobrir alguma contradição entre os registros bíblicos e as descobertas de estudiosos. Ele estava lendo sobre a descoberta de Henry Alford, um estudioso grego. Alford observou: “Só Mateus relata que era o túmulo do próprio José. João, que era em um jardim, e no lugar onde foi Ele crucificado. Todos, exceto Marcos, mencionaram que o túmulo era novo. João não menciona que pertencia a José”.³¹

Scott olhou para Brett, que estava analisando periódicos médicos. Deveríamos estar estudando algo que realmente importa. Então se surpreendeu. Mas isso importa. Se a ressurreição não aconteceu, quero escrever um livro um dia provando a cristãos ignorantes e enganosos que esse é o maior engano da história.

“Não acredito. Scott!”

“O quê? Não acredita em quê?”

“Parece haver muita coisa escrita sobre a morte de Cristo de uma perspectiva médica. Um artigo publicado no Jornal da Associação Médica Americana concluiu que, de acordo com os relatos dos Evangelhos, Jesus morreu antes de ser retirado da cruz. Ele afirma:

Com clareza, o peso de evidências históricas e médicas indicam que Jesus estava morto antes que fosse ferido em seu lado e sustenta a visão tradicional de que a lança, enfiada entre suas costelas direitas, provavelmente perfurou não só o pulmão direito, mas também o pericárdio e o coração, garantindo assim sua morte. Portanto, interpretações baseadas na suposição de que Jesus não morreu na cruz parecem estar em desacordo com o conhecimento médico moderno.³²

Brett continuou: “Escute isso também. Samuel Houghton, M.D., o maior fisiologista da Universidade de Dublin, relata sua visão sobre a causa física da morte de Cristo:

Quando o soldado perfurou com sua lança o lado de Cristo, Ele já estava morto; e ou o fluxo de sangue e água que se seguiu foi um fenômeno natural explicado por causas naturais ou foi um milagre. Que São João pensou isso, se não fosse um milagre, no mínimo incomum, aparece de forma clara no comentário que faz a respeito, e pela maneira enfática como declara solenemente sua precisão ao narrar... Um fluxo abundante de sangue, sucedido por um fluxo abundante de água, resulta do ferimento... e ocorreria em uma pessoa crucificada, que havia morrido na cruz pelo rompimento do coração... Não resta, portanto, nenhuma suposição possível de explicar o fenômeno registrado exceto a combinação da crucificação e rompimento do coração.³³

“Scott, de início eu estava um pouco hesitante acerca do testemunho ocular do apóstolo João, mas tive que admitir que João estava fazendo uma observação correta de Cristo no Gólgota. Ele tinha que ser uma testemunha. Escute isto. O Dr. Houghton escreve:

A importância disso é óbvia. Isso mostra que a narrativa no capítulo XIX de João nunca poderia ter sido inventada; que os fatos registrados devem ter sido vistos por uma testemunha; e que a testemunha estava tão impressionada que parece ter

achado o fenômeno miraculoso.³⁴

Dez

Sepultado entre Ricos

■

“Scott, a partir do que estou lendo, parece que só uma testemunha da ressurreição incluiria essa ocorrência médica incomum. Faria sentido que o registro do Evangelho de João fosse realmente escrito pelos discípulos mais próximos de Jesus que viram com seus próprios olhos o fluxo de ‘sangue e água’. Agora, é possível que o corpo de Cristo tenha sido comido por abutres, mas pelo fato de os judeus serem conhecidos pelo profundo respeito ao corpo físico e por providenciarem um sepultamento adequado, acho que historicamente é mais provável que Cristo foi tirado da cruz depois de morto.”

“Concordo”, disse Scott. “Com base em tudo que estou lendo, parece que Mina estava certa e Cristo foi sepultado no túmulo que pertencia a um conhecido membro do Sinédrio chamado José de Arimateia. Além disso, li uns dois estudiosos que citam uma profecia em Isaías de que o servo sofredor seria sepultado com o rico.”

“É, mas todas aquelas assim chamadas profecias foram escritas depois do fato”, comentou Brett.

“Eu costumava dizer isso há uns dois anos, mas não podemos mais usar esse argumento.”

“Por que não?”

“Temos a Septuaginta.”

“O quê?”

“A Septuaginta é o Antigo Testamento traduzido do hebraico para o grego entre

o segundo e o terceiro século a.C. Além disso, o estranho é que muitos dos estudiosos dos Rolos do Mar Morto reconhecem que uma cópia do rolo completo do livro de Isaías foi incluído nos Rolos do Mar Morto, datado por volta do ano 100 a.C. O livro de Isaías em si foi escrito em torno de 700 a.C.”

“Antes de Cristo?”

“Sim.”

“Bem, vamos dar uma olhada nisso, Scott. Muitas profecias são tão estranhas e ambíguas que ninguém consegue interpretá-las com qualquer sentido que queiram.”

“Você está certo”, disse Scott rindo. “Os cristãos não conseguem concordar entre si acerca das profecias. Tudo tem a ver com cordeiro, e taças, e dragões. Talvez nem sejam profecias mesmo.”

O que Scott não admitiu a Brett foi que algumas das profecias na verdade pareciam estar falando de Cristo. Por exemplo, ele tinha lido uma conclusão sobre Isaías apresentada pelo Dr. Michael L. Brown, que cresceu em uma família judia e depois colocou sua confiança em Jesus. Quando estudante, o Dr. Brown pesquisou profecia hebraica, o que o levou a obter seu doutorado em Língua e Literatura do Oriente Próximo, pela Universidade de Nova York. Scott nem quis mencionar esse nome para Brett.

De repente, a conversa foi interrompida.

“Olá, Brett”, disse uma voz conhecida atrás dele.

“Dr. Peterson! Que surpresa vê-lo aqui!” Brett não podia acreditar que o professor de religião mais importante da universidade e ex-cético conhecido apareceu justo durante essa conversa.

“Como vão os estudos, Brett? E o que é isso? Um aluno de medicina tornando-se estudioso de religião? Você tem uma seleção impressionante de obras teológicas misturadas aqui com seus periódicos científicos. Está pensando em um novo curso acadêmico?” Dr. Peterson estava rindo.

“É, acho que não, estou só pesquisando algumas coisas nas horas vagas. Precisamos nos atualizar. Aprendi muito com seus insights, e ainda estou

buscando respostas para uma porção de perguntas intrigantes. Por falar nisso, este é meu amigo Scott. Ele está cursando doutorado em história.”

“Muito prazer, Scott. E Brett, sinta-se à vontade para passar no escritório qualquer tarde depois das 14 horas se precisar de ajuda. A propósito, nesta quinta minha esposa e eu estamos planejando um churrasco com alguns alunos. Gostaria muito que vocês participassem. Acho que conhecem alguns dos alunos, Brett. Jéssica Friesen e suas amigas Mina e Andrea estarão lá. Vocês são amigos, não são?”

“Oh, sim, somos. Ainda saímos com elas. Na verdade, nos encontramos para conversar sobre teologia a cada quinze dias. Eu gostaria muito de ir.”

“Vamos esperar por você, Brett. E Scott, gostaríamos muito que participasse também.”

“Obrigado, Dr. Peterson. Será um prazer.”

“Muito bom. Apareçam lá e levem amigos, se quiserem. Teremos muita comida. Vou assar frango e costela!”

“Dr. Peterson, já que está aqui, posso fazer-lhe uma pergunta sobre algo que estávamos conversando?”

Onze

Uma Profecia Descoberta nos Rolos do Mar Morto

-

“É claro que você pode perguntar, e lhe darei minha melhor resposta”, replicou o Dr. Peterson.

“Obrigado. O que o senhor sabe sobre os Rolos do Mar Morto?”, perguntou Brett.

“Bem, eu estudei-os. O que especificamente gostaria de saber?”

“Na verdade, não sei muito sobre eles, mas Scott mencionou algo acerca da Septuaginta”, respondeu Brett.

“Posso sentar-me?” Dr. Peterson parecia estar preparando-se para uma resposta não muito curta.

“É claro. Por favor, junte-se a nós.”

Dr. Peterson tirou o chapéu e se sentou. Então olhou ao redor para se certificar de que a conversa não atrapalharia ninguém por perto.

“Na primavera de 1947, um jovem pastor beduíno estava cuidando de suas ovelhas a mais ou menos 2 quilômetros a oeste da extremidade norte do Mar Morto, 12 quilômetros ao sul de Jericó. Depois de jogar uma pedra em uma cabra desgarrada, ouviu o som de cerâmica quebrando-se. De início, ficou com medo, querendo saber se tinha ouvido um espírito maligno. Porém, no dia seguinte voltou com seus primos e entraram em uma caverna que ficara intocada por gerações. Eles descobriram jarros cheios de algo que parecia ser couro. O

jovem pastor pensou que talvez pudesse ganhar algum dinheiro vendendo o couro para ser usado como sapatos, então levou sua descoberta a um vendedor de sapatos que por acaso era um comerciante de antiguidades. Ao observar o couro, ele percebeu que havia quatro rolos dentro da cobertura protetora de couro e comprou os rolos. O comerciante mudou de ideia e vendeu os rolos para um arcebispo ortodoxo por cerca de 250 dólares. Depois de passar por alguns donos, por fim os rolos foram comprados por 250 mil dólares, e agora são considerados uma das maiores descobertas arqueológicas de todos os tempos.”

“Por quê?”, perguntou Scott.

“Ah, boa pergunta! Primeiro, aprendemos muito sobre o antigo grupo judaico conhecido como essênios. Além disso, descobriu-se que um rolo chamado ‘O Rolo do Templo’ revela alguns detalhes interessantes sobre a construção do Templo de Jerusalém. Mas respondendo à sua pergunta, sem dúvida, a maior descoberta nessa coleção antiga foi a cópia completa do rolo de Isaías.”

Brett olhou para Scott sabendo que já haviam conversado sobre isso. Entretanto, Scott apenas disse: “Isaías”?

“Oh, sim!”, respondeu o Dr. Peterson. “Um desses Rolos do Mar Morto inclui uma cópia completa do livro de Isaías, todos os 66 capítulos, que data de 100 a.C. O rolo tem 7 metros de comprimento e é o rolo bíblico mais antigo já descoberto. Agora está protegido em um cofre em Jerusalém, e imagens em alta resolução estão disponíveis on-line para observação pública. Nessa cópia antiga de Isaías está uma profecia que convenceu muitos judeus a depositar sua confiança em Yeshua.”

“Yeshua?”, indagou Brett.

“Sim, o nome hebraico para Jesus. Vocês já leram Isaías 53?”

Brett respondeu primeiro. “Não, só algumas citações.”

“Scott?”

“Sim, li uma vez.”

“Bem, o que você achou?”

“Hum, não tenho certeza.” Scott, sabendo que a questão estava além de sua compreensão, não queria debater com o Dr. Peterson.

“Você não tem certeza? Quando vocês tiverem uma oportunidade, verifiquem Isaías 53 por conta própria. Deve levar só alguns minutos, e há muitas coisas a observar ao longo da leitura. Estudiosos datam o escrito original em cerca de 700 a.C., pelo menos um século antes da implementação do método de crucificação. No entanto, o texto fala de um homem de dores que levaria as transgressões de muitas pessoas e seria ferido por nossas transgressões e moído por nossas iniquidades. Particularmente, creio que esse é um dos capítulos mais importantes em toda a Bíblia, e fornece a melhor descrição profética de Jesus Cristo que vocês encontrarão. Definitivamente, vale a pena ler e pensar a respeito.”

Scott evitou contato visual por alguns segundos, sabendo que outros estudiosos confirmavam o que Dr. Peterson dizia.

Dr. Peterson colocou seu chapéu e levantou-se para sair. “Bem, já interrompi o estudo de vocês por muito tempo. Brett, foi bom vê-lo, e Scott, foi um prazer encontrá-lo. Vou aguardar a continuação de nossa conversa! Vejo vocês na quinta-feira?”

Eles concordaram.

“Bom. Levem alguns amigos.”

“Obrigado, Dr. Peterson. Estaremos lá”, acrescentou Brett, “e vou levar duas amigas do clube ateu, Lauren e Amy. Mina e Jéssica as conhecem. Lauren comentou que queria encontrá-lo para fazer algumas perguntas. Está bem?”

“É claro! Há forma melhor de aproveitar uma noite?”

Enquanto o Dr. Peterson saía, Scott olhou para Brett. “Que coincidência, não é?”

“Bem, estamos perto dos livros religiosos”, respondeu Brett.

“Não, estamos cercados de livros religiosos. E ele mencionou justamente o capítulo sobre o qual estávamos prestes a debater — Isaías 53!”

“Scott, não banque o espiritual. Eu toquei no assunto perguntando o que ele sabia sobre os Rolos do Mar Morto. E se você nunca tivesse ouvido falar dessa

profecia, nunca gastaria algum tempo em torno das crenças bíblicas cristãs.”

“Não estou bancando o espiritual”, disse Scott. “Você é que está prestes a se tornar um cristão!”

“Não importa. Você vai mesmo ao churrasco?”, perguntou Brett.

“Vou. Será divertido fazer algumas perguntas ao Dr. Peterson. Ele é muito inteligente e sensato. Além disso, sabe mesmo preparar um churrasco!”

“Ok. Antes de sairmos, vamos dar uma olhada naquele capítulo, Isaías 53.”

Scott localizou Isaías 53 em uma Bíblia on-line. “Não é tão longo. Vou ler para você.”

“Prossiga”, respondeu Brett.

Porque foi subindo como renovo perante ele e como raiz de uma terra seca; não tinha parecer nem formosura; e, olhando nós para ele, nenhuma beleza víamos, para que o desejássemos. Era desprezado e o mais indigno entre os homens, homem de dores, experimentado nos trabalhos e, como um de quem os homens escondiam o rosto, era desprezado, e não fizemos dele caso algum.

Verdadeiramente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputamos por aflito, ferido de Deus e oprimido.

Mas ele foi ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e, pelas suas pisaduras, fomos sarados.

Todos nós andamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos.

Ele foi oprimido, mas não abriu a boca; como um cordeiro, foi levado ao matadouro e, como a ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca.

Da opressão e do juízo foi tirado; e quem contará o tempo da sua vida?

Porquanto foi cortado da terra dos viventes e pela transgressão do meu povo foi ele atingido.

E puseram a sua sepultura com os ímpios e com o rico, na sua morte; porquanto nunca fez injustiça, nem houve engano na sua boca.

Todavia, ao Senhor agradou o moê-lo, fazendo-o enfermar; quando a sua alma se puser por expiação do pecado, verá a sua posteridade, prolongará os dias, e o bom prazer do Senhor prosperará na sua mão.

O trabalho da sua alma ele verá e ficará satisfeito; com o seu conhecimento, o meu servo, o justo, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre si.

Pelo que lhe darei a parte de muitos, e, com os poderosos, repartirá ele o despojo; porquanto derramou a sua alma na morte e foi contado com os transgressores; mas ele levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu.³⁵

Brett olhou para Scott. “Consigo entender porque eles dizem que isso é sobre Jesus. Parece um pouco com Ele. Você pode me mostrar aquele trecho que diz que Ele foi cortado dos viventes?”

Scott virou a tela para que pudessem ver juntos.

Porquanto foi cortado da terra dos viventes e pela transgressão do meu povo foi ele atingido. E puseram a sua sepultura com os ímpios e com o rico, na sua morte; porquanto nunca fez injustiça, nem houve engano na sua boca.³⁶

Brett prosseguiu: “Parece que uma pessoa inocente foi morta por causa de outras pessoas. Também parece que Ele foi morto com criminosos e sepultado no túmulo de um homem rico. São detalhes bem específicos, mas eis a questão. Talvez Jesus Cristo veio, morreu em uma cruz e foi sepultado no túmulo de um homem rico. E daí? Isso ainda não prova que Ele ressuscitou. Quem sabe os

discípulos sentiram-se mal depois que Ele morreu e decidiram inventar uma história para manter o sonho vivo. Não sei, ainda não estou convencido da ressurreição.”

Brett fez uma pausa, pensando. “Ok, vou admitir que Jesus era uma pessoa real e provavelmente morreu na cruz. Mas não posso acreditar que Ele saiu do túmulo alguns dias depois e ficou andando por aí com um sorriso no rosto. Homens mortos não voltam a viver em carne e osso de novo! Então... Ele é crucificado, retiram seu corpo da cruz porque era o procedimento dos judeus e o colocam em um túmulo que pertencia a José de Arimateia. Scott, o que você sabe sobre o túmulo cuidadosamente guardado e, de repente, encontrado vazio?”

“Quem sabe? Não tenho certeza de que possamos saber, mas vou verificar. O que você acha?”

“Não sei. Não tenho problema em dizer que ele foi sepultado. O sepultamento não prova nada. Assim, se os discípulos inventaram a parte da ressurreição, então terminamos. Caso encerrado. Nada de cristianismo. Você pode ficar mais um pouco? Quero explorar mais esse negócio de sepultamento e túmulo vazio.”

“Posso ficar mais meia hora, e então preciso ir para a academia. É tempo suficiente para você?”

“Com certeza.”

Doze

Os Costumes Funerários dos Judeus

-

Cerca de 20 minutos depois, Scott disse: “Hei, escute isto. É do Dr. Alfred Edersheim, um célebre historiador judeu. Ele escreveu detalhes específicos dos costumes funerários judaicos:”

Não só o rico, mas até aqueles razoavelmente abastados, possuíam seus próprios túmulos, que provavelmente eram adquiridos e preparados bem antes de precisarem deles, e tratados e herdados como uma propriedade privada e pessoal. Nessas cavernas, ou túmulos escavados, os corpos eram colocados, após serem ungidos com muitas especiarias, com mirra, aloés e, posteriormente, também com hissopo, óleo de rosas e água de rosas. O corpo era vertido e, num período posterior, enrolados, se possível, no tecido em que foi mantido originalmente um Rolo da Lei. Os “túmulos” eram “escavados” ou “cavernas” naturais, ou ainda grandes catacumbas com paredes e nichos nos dois lados.³⁷

“Interessante, mas onde você está lendo isso?”, perguntou Brett.

“É um trecho citado por William Lane Craig.”

“William Lane Craig é um filósofo cristão. Como era de se esperar”, declarou Brett.

“Por que você diz isso? Você pode não concordar com a crença dele no sobrenatural, mas ele tem dois doutorados e publicou dezenas de artigos acadêmicos. É um homem muito respeitado, cujas palavras devem ser

consideradas com seriedade. Ele certamente arrasou Hitchens quando debateram.”

“Isso pode ser verdade, mas acho que Hitchens estava bêbado naquela noite”, disse Brett, rindo.

Scott riu. “Tudo bem, veja o que Craig escreve sobre o cuidado na conservação das sepulturas de santos homens judeus:”

Durante a época de Jesus, havia um grande interesse nas sepulturas de mártires judeus e homens santos; estas recebiam cuidado meticuloso e eram respeitadas. Isso sugere que a sepultura de Jesus também seria notada. Os discípulos não tinham noção de nenhuma ressurreição antes da ressurreição geral no fim do mundo, e, portanto, não teriam permitido que o local do sepultamento do Mestre passasse despercebido. Esse interesse também torna plausível que as mulheres tenham permanecido por perto a fim de observar o sepultamento e sua subsequente intenção de ungir o corpo de Jesus com especiarias e perfumes (Lc 23.55,56).³⁸

“Nem vou tentar discordar de Craig neste ponto. O que mais você encontrou?”

“Este é do Dr. Alfred Edersheim. É sobre o sepultamento de Cristo:”

A proximidade do Sábado sagrado, e conseqüente a necessidade de apressar-se, pode ter sugerido ou determinado a profecia de José de colocar o corpo de Jesus em seu próprio túmulo novo escavado, no qual ninguém havia sido posto ainda... A cruz foi baixada e posta no chão; os terríveis cravos foram removidos, e as cordas desatadas. José, com os que o auxiliaram, “envolveu” o Santo Corpo, “em um lençol de linho”, e rapidamente o carregou até o túmulo escavado no jardim ali perto. Tal sepulcro ou caverna escavada (Meartha) tinha nichos (Kukhin), onde os mortos eram colocados. Deve-se lembrar que na entrada do “túmulo” — e interior da “rocha” — havia uma “área”, de 2 metros quadrados, onde geralmente o esquife era depositado, e aqueles que o carregaram se reuniam para fazer a última cerimônia para o morto.³⁹

“Então você está confiante de que as mulheres e os discípulos sabiam o túmulo exato em que Cristo estava sepultado e não inventaram isso”, observou Brett.

“Sim. Acho que podemos dar razão a eles.” Scott estendeu a mão e pegou outro livro em que havia colocado um marcador. “Tratando dos registros do sepultamento de Jesus no túmulo de José de Arimateia, o Dr. Wilbur Smith escreveu:”

Sabemos mais sobre o sepultamento do Senhor do que sobre o sepultamento de qualquer outro personagem em toda a história antiga. Sabemos infinitamente mais sobre seu sepultamento do que sobre o de qualquer personagem do Antigo Testamento, de qualquer rei da Babilônia, faraó do Egito, qualquer filósofo grego ou César triunfante. Sabemos quem tirou seu corpo da cruz; sabemos algo a respeito de envolver o corpo com especiarias e vestes mortuárias; sabemos em que túmulo foi colocado, e o nome do dono, José, de uma cidade conhecida como Arimateia. Sabemos até onde esse túmulo se localizava, em um jardim próximo ao lugar onde fora crucificado, fora dos muros da cidade. Temos quatro registros do sepultamento de nosso Senhor, todos em surpreendente acordo: o registro de Mateus, um discípulo de Cristo que estava lá quando Jesus foi crucificado; o registro de Marcos, que alguns dizem ter sido escrito no período de dez anos a partir da ascensão de nosso Senhor; o registro de Lucas, um companheiro do apóstolo Paulo e grande historiador; e o registro de João, que foi o último a deixar a cruz, e, com Pedro, o primeiro dos Doze a contemplar o túmulo vazio na Páscoa.”⁴⁰

“Mais uma vez, essa declaração de Smith ainda não prova a ressurreição. Todos esses escritos provam que ele foi crucificado e sepultado. O que aconteceu depois, não sabemos. Os discípulos poderiam ter inventado a história da ressurreição, voltado depois e roubado o corpo, ou talvez tiveram uma visão ou alucinação. Como eu disse — homens mortos simplesmente não voltam a viver! Sabe, estou meio cansado de pensar em todo esse assunto agora. Vamos jogar bola. O primeiro jogo normalmente começa às cinco.”

“Legal”, disse Scott. “Podemos conversar mais sobre isso com o Dr. Peterson.

Vou dar uma olhada em dois livros e então saímos.”

Treze

Churrasco na Quinta-Feira à Noite

■

“Dr. Peterson, essas costelas estão incríveis.”

“Que bom que gostou, Scott. Você quer mais alguma coisa?”

“Vou precisar de um banho quando terminar, mas agora estou pensando em me esbaldar naquele frango grelhado.”

“Oh, não seja tão guloso, Scott!”, disse Jéssica enquanto entrava com Lauren.

“Jéssica e Lauren, estamos felizes por terem vindo. Fiquem à vontade.”

“Bill, por que você não se senta um pouco e conversa com seus alunos”, disse Susan Peterson ao marido.

“Certo, eu vou. Por que você não se junta a nós?”

“Daqui a um minuto. Podem ir na frente. Preciso esperar esses brownies e tortas.”

Andrea e Jéssica sorriram quando o Dr. Peterson deu um beijo na bochecha da esposa.

Não demorou muito para que a conversa se tornasse séria. Muitos deles lembravam-se de Nick e Jamal nesses encontros. Houve uma vez em que Nick começou a discutir com Jamal sobre futebol, e Jamal colocou Nick nos ombros e o jogou na piscina, de roupa e tudo.

Mina também relembrou uma história que o Dr. Peterson havia contado durante a viagem humanitária de verão à África, em que Jamal, Amy e Jéssica recusaram-se a comer alguns tatus ensopados que o anfitrião colocara diante deles.

Dr. Peterson, de brincadeira, deu uma bronca em Amy e Jéssica pela indelicadeza delas.

Cerca de quinze minutos depois, Susan Peterson juntou-se a eles e a conversa passou a ser sobre Nick, amigo deles.

“Lembro-me da primeira vez que Jéssica e Nick apareceram. Nick tinha tantas perguntas sobre a confiabilidade das Escrituras, e, infelizmente, Bill lhe disse que ele podia ser uma pessoa boa sem acreditar em todas as histórias da Bíblia. Apresentou as variações nos manuscritos e as passagens que geram controvérsia, e isso de fato atingiu a fé de Nick por um tempo. Graças a Deus, Nick não acreditou simplesmente em todas as palavras de Bill. Ele começou a conferir por conta própria, e, graças à amizade de Jamal e Mina, Nick enfim retornou à fé cristã com mais zelo e paixão do que antes.”

Dr. Peterson falava com franqueza. “Olhando para trás, envergonho-me de quantos alunos afastei de crer que Cristo é o Filho de Deus e que ressuscitou dos mortos. Foi quando Nick viajou para me encontrar no funeral de minha irmã em Oregon que comecei a reconsiderar a possibilidade da ressurreição e a existência do céu. Lembro-me de quando o vi no fundo da igreja lotada. Isso me trouxe lágrimas aos olhos.”

“E Bill nunca chora”, comentou Susan.

“Eu simplesmente não podia acreditar que um aluno viajaria todo o trajeto do Texas a Oregon para ir ao funeral da irmã de um professor. Foram Nick e Jamal que de fato desafiaram-me a reinvestigar a historicidade da ressurreição.”

Susan Peterson olhou para Mina. “E Mina, o mundo precisa de mais pessoas como você. Você não viveu simplesmente a sua fé — forneceu respostas boas, concretas, para Nick, que então foi capaz de influenciar meu marido. Sabe, há muitos cristãos que declaram amar a Deus de todo o coração, mas são intelectualmente preguiçosos, não aprofundam sua fé e são tímidos demais para falar sobre aquilo em que acreditam. Eles nunca fornecem boas razões para que ou por que creem. Sei disso porque eu era assim. Mina, sua maneira de amar a

Cristo, com o coração e a mente, me desafiou.”

Jéssica acrescentou: “Nós amamos a Mina. Ela desafia a todos nós”.

Andrea fez um gesto concordando enquanto Jéssica continuou: “Cresci na igreja, e éramos ensinados vezes sem conta a amar a Deus de todo coração, mas tudo parecia tão emocional. Na noite de sexta-feira quando não senti a presença de Deus, minha fé dissipou-se. Aprendi mais com Mina nesse último ano do que em todos os anos do meu crescimento”.

“Vocês são muito gentis”, respondeu Mina.

Brett olhou para Lauren e Scott, que estavam sentados juntos. Ele podia dizer que estavam desconfortáveis com toda a conversa cristã. Também sabia que o Dr. Peterson não era hostil a grupos espiritualmente diversificados. Havia uma atmosfera de aceitação na casa de Peterson que fazia as pessoas — incluindo ele mesmo — se sentirem menos defensivas que o normal, então ele decidiu lançar uma pergunta e provocar alguma interação animada.

“Dr. Peterson, não quero deixar a impressão de que estou duvidando do senhor, mas parece que muitos cristãos só se tornam cristãos depois que algo ruim acontece. Como o senhor, após a morte de sua irmã, ou outros no campus após o tiroteio. Sei que as Escrituras podem trazer conforto a pessoas feridas, mas e quanto a uma pessoa querer acreditar por ser verdade, não porque traz conforto? Ainda não estou convencido de toda essa história de ressurreição, e sem isso, não vejo em que acreditar.”

Quatorze

Elvis e Michael Jackson!

-

A pergunta de Brett caiu como um baque na conversa, e então ele continuou falando para se explicar melhor. “Sabemos que os discípulos eram homens inconstantes que nem sempre estavam certos do que acreditavam sobre Jesus. Às vezes achavam que Ele era o Messias, mas também duvidavam. Talvez depois da morte de Jesus eles quisessem manter o sonho vivo, e assim inventaram a história ou apenas desejaram que fosse verdade e disseram a si mesmos que era. Muitas pessoas acreditam em coisas que não são reais. Quero dizer, veja todos os fãs de Elvis que afirmam tê-lo visto em um supermercado. Agora há pessoas dizendo que Michael Jackson está vivo, mas escondido em algum lugar. Toda celebridade tem seguidores esquisitos com imaginações férteis. Acho que se um homem quiser acreditar em algo ruim o bastante, ele vai acreditar!”

“Você conhece algum fã de Elvis ou Michael Jackson que esteja disposto a morrer por aquilo que afirmam ter visto?”, perguntou o Dr. Peterson calmamente.

“Não, mas tenho certeza de que eles estão por aí.”

“Os fãs de Elvis que acreditam que ele ressuscitou dos mortos não estão começando um movimento com milhares de seguidores dispostos a morrer por sua crença na ressurreição dele. No entanto, no Dia de Pentecostes, o apóstolo Pedro levantou-se diante de uma audiência hostil, antagonista, e, com ousadia, proclamou a ressurreição de Cristo. Ele também os lembrou de que Jesus fizera ‘milagres, e maravilhas, e sinais’ na presença deles. Pedro disselhes literalmente: ‘como vós mesmos bem sabeis’. Se a audiência dele não achasse que era verdade, teriam refutado suas palavras imediatamente. Mas não foi o que

aconteceu. Três mil pessoas converteram-se ao cristianismo naquele dia porque sabiam que Simão Pedro estava falando a verdade.”

Dr. Peterson tomou um gole de limonada e prosseguiu: “Brett, investiguei todas as possibilidades, e a ressurreição é a melhor explicação à luz da abundância de provas. Após a ressurreição, 11 dos 12 apóstolos foram martirizados — não só por causa de algo em que acreditavam, mas por causa de algo que sabiam ser a verdade. Pessoas podem morrer por uma mentira que pensam ser verdade, mas não morreriam por uma mentira que sabem que é falsa. No ano passado, quando eu ainda era cético e lia especialistas nesse assunto, lembro-me de ter lido o Dr. Peter Kreeft, um professor de filosofia na Faculdade de Boston. Ele questionou: ‘Por que os apóstolos mentiriam?... Se eles mentiram, qual foi o motivo, o que ganharam com isso? O que ganharam foi má interpretação, rejeição, perseguição, tortura e martírio. Dificilmente uma lista de benefícios’”.⁴¹

“Dr. Peterson?”

“Sim, Mina.”

“Por favor, o senhor poderia mostrar a Scott, Brett, Amy e Lauren sua biblioteca particular? Acho que Scott, principalmente, por causa de seu interesse em história, gostaria de ver todos os seus textos latinos e romanos.”

“Boa ideia. Quem quiser ver, acompanhe-me — e tomem cuidado. Minha biblioteca está uma bagunça. Susan reclama comigo há anos para ser mais organizado.”

Quinze

Os Guardas no Túmulo

-

Um estudo particular não poderia ser mais amplo. É por isso que o Dr. Peterson tem sempre algo a dizer!, pensou Lauren.

Scott estava igualmente impressionado. Ele nunca tinha visto uma biblioteca particular com tanta variedade de textos históricos. Ele observou uma prateleira inteira de textos latinos, incluindo as obras de Cícero e *Naturalis Historia* e *De Architectura*, de Plínio, o Velho. Sua curiosidade, porém, ficara fermentando a tarde toda, então ele fez sua primeira investida. “Dr. Peterson, o senhor tem a maior biblioteca pessoal que já vi. Estou com mais do que um pouco de inveja. Se há tanta abundância de evidências históricas para a ressurreição de Cristo, por que demorou tanto para acreditar? Parece que é o que Brett disse — o senhor foi levado à fé por motivos emocionais, e não intelectuais.”

Peterson suspirou, e demorou a responder. “Não completamente, Scott. Na verdade, foi por uma série de razões emocionais que eu não acreditei por tanto tempo. Nunca consegui fugir dos sentimentos persistentes de culpa que tinha por seguir meu próprio estilo de vida egoísta e pecaminoso. Talvez minhas conquistas intelectuais fossem o ‘deus’ em minha vida; no entanto, a paz interior era uma ilusão. Portanto meus estudos bíblicos se tornaram meu escape. Comecei a procurar razões para não acreditar. Comecei a duvidar das menores discrepâncias nos textos de papiro. Em estudos iniciais de graduação, eu queria respeito de meus colegas e professores, então eu era impetuoso ao afirmar meu compromisso com o naturalismo em minhas aulas de ciências. Anos depois, como jovem professor, senti-me pressionado a obter estabilidade aqui em Opal e tinha a sensação de que isso não seria possível se meus colegas me achassem uma pessoa de ‘mente fechada’, o que geralmente significa acreditar que Jesus é o único caminho para a salvação. Também havia razões emocionais envolvidas

tanto em meu período de dúvida como em minha conversão de volta à fé. Como Brett mencionou, a emoção foi um fator evidente quando minha irmã morreu. Contudo, pelo fato de pessoas como Jamal e Nick me amarem o bastante para confrontar os alicerces de meu sistema de crenças, tive que encarar os fatos que insistia em ignorar. Minha nova busca pela verdade não foi fácil. Tenho certeza de que vocês conhecem o ditado: ‘Não se pode ensinar truques novos a um cachorro velho’. Foram meses repensando minhas suposições e preconceitos contra a ressurreição para finalmente confiar em Cristo. Depois de investigar a verdade histórica da ressurreição, estou convicto de que Deus realmente me ama, assim como ama vocês.”

Scott esperou um momento demonstrando respeito pela natureza pessoal dos comentários do Dr. Peterson, e então continuou: “Dr. Peterson, o senhor mencionou a ressurreição várias vezes. Como sabe que os discípulos não ‘levaram’ o corpo de Jesus?”

“Você está familiarizado com a ‘guarda romana’?”, perguntou o Dr. Peterson.

“Um pouco”, respondeu Scott.

Dr. Peterson dirigiu-se a uma prateleira alta e pegou um grande dicionário. “Scott, quando se trata de guarda romana, William Smith, no Dictionary of Greek and Roman Antiquities (Dicionário de Antiguidades Gregas e Romanas), informa-nos sobre a quantidade de homens em uma guarda romana. De acordo com o Dr. Smith, ‘quatro era o número regular de uma guarda romana... dos quais um sempre agia como sentinela, enquanto os outros desfrutavam certo grau de repouso; preparados, porém, para se levantar no primeiro alarme’.”⁴²

Dr. Peterson continuou: “Mateus, que escreveu para os judeus, e, a propósito, foi testemunha da vida de Cristo, registrou isso e mencionou a ‘guarda’”.

Dr. Peterson pegou uma grande Bíblia preta em uma de suas quatro mesas e começou a ler:

E, no dia seguinte, que é o dia depois da Preparação, reuniram-se os príncipes dos sacerdotes e os fariseus em casa de Pilatos, dizendo: Senhor, lembramo-nos de que aquele enganador, vivendo ainda, disse: Depois de três dias, ressuscitarei. Manda, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança até ao terceiro dia;

não se dê o caso que os seus discípulos vão de noite, e o furtem, e digam ao povo: Ressuscitou dos mortos; e assim o último erro será pior do que o primeiro. E disse-lhes Pilatos: Tendes a guarda; ide, guardai-o como entenderdes. E, indo eles, seguraram o sepulcro com a guarda, selando a pedra.⁴³

“Scott, há um debate acerca da ‘guarda’ nessa passagem referir-se à polícia do Templo ou à guarda romana. A. T. Robertson, notável estudioso grego, afirma que a frase ‘tendes a guarda’, echete koustodian, é imperativo presente e refere-se à guarda dos soldados romanos, e não a meros policiais do Templo.⁴⁴ Robertson também observa que ‘o termo latino koustodia aparece em um papiro de Oxirrinco de 22 d.C.’”⁴⁵

“Você tem certeza de que Pilatos estava falando sobre a guarda romana?”, perguntou Brett. “Ou está consentindo que é no mínimo possível que Pilatos estivesse falando da guarda do Templo?”

“Com certeza, é possível, mas deixe-me dizer também que a guarda do Templo não era apenas um oficial individual, mas um grupo de homens bem disciplinados e treinados.” Dr. Peterson começou a folhear outro livro de uma prateleira onde também se destacava uma escultura de Homero.

“Brett, você conhece o historiador judeu Alfred Edersheim?”

Brett deu um sorriso irônico para Scott e fez um gesto concordando.

“Bom. Quanto à identidade da guarda do Templo, Alfred Edersheim registra que uma guarda do Templo consistia em dez oficiais.⁴⁶ Sabemos pela Mishná que havia punições severas a qualquer oficial que fosse pego dormindo. Deixe-me ler a tradução de 1933 da Oxford University Press.”

O oficial do Monte do Templo costumava fazer a ronda a cada vigília com tochas acesas à sua frente, e se qualquer guarda não se levantasse e dissesse: “Ó, oficial do Monte do Templo, paz seja contigo!” demonstrando, assim, que estava acordado, o oficial bateria nele com seu bordão, e tinha o direito de queimar suas vestes. E diriam: “Que barulho é esse no átrio?” “É o barulho de algum levita que está sendo espancado e cujas vestes estão sendo queimadas porque ele

dormiu em seu posto.” R. Eliezar b. Jacob disse: “Uma vez eles encontraram o irmão de minha mãe dormindo e queimaram suas roupas”.⁴⁷

Dr. Peterson fechou o livro. “O que sabemos com certeza é que seu túmulo foi guardado por, no mínimo, quatro homens disciplinados com outros oficiais disciplinados cientes de sua tarefa de responsabilidade específica.”

Dezesseis

Todos eles o Abandonaram e Fugiram

-

Lauren decidiu fazer uma pergunta. “Vou concordar que o corpo de Jesus foi sepultado em um túmulo concedido por José de Arimateia, e que ficou bem guardado, mas ainda não creio na ressurreição. Quero dizer, os discípulos não poderiam ter inventado a parte da ressurreição depois?”

“Isso é improvável”, replicou o Dr. Peterson.

“Por que é improvável?”, perguntou Lauren, expressando certa irritação.

[Os discípulos] não tinham nada a ganhar mentindo e começando uma nova religião. Eles enfrentaram dificuldades, ridicularização, hostilidade e morte como mártires. À luz desses fatos, eles nunca poderiam ter sustentado uma motivação inabalável como esta se soubessem que estavam pregando uma mentira. Os discípulos não eram tolos, e Paulo era um intelectual racional de primeira. Haveria diversas oportunidades ao longo de três ou quatro décadas de ministério para reconsiderar e renunciar a mentira.⁴⁹

“Dr. Peterson”, disse Lauren, “o que aconteceu enquanto o túmulo estava sendo guardado?”

“Vou contar-lhe. Aqui está uma Bíblia. Leia para nós em Mateus 28, a partir do versículo 2.”

Lauren pegou a Bíblia do Dr. Peterson e leu em voz alta:

E eis que houvera um grande terremoto, porque um anjo do Senhor, descendo do céu, chegou, removendo a pedra, e sentou-se sobre ela. E o seu aspecto era como um relâmpago, e a sua veste branca como a neve. E os guardas, com medo dele, ficaram muito assombrados e como mortos.⁵⁰

Lauren olhou para o Dr. Peterson. “Continuo a leitura?”

“Sim, Lauren, leia os versículos 11 a 15”, respondeu o Dr. Peterson.

E, quando iam, eis que alguns da guarda, chegando à cidade, anunciaram aos príncipes dos sacerdotes todas as coisas que haviam acontecido. E, congregados eles com os anciãos e tomando conselho entre si, deram muito dinheiro aos soldados, ordenando: Dizei: Vieram de noite os seus discípulos e, dormindo nós, o furtaram. E, se isso chegar a ser ouvido pelo governador, nós o persuadiremos e vos poremos em segurança. E eles, recebendo o dinheiro, fizeram como estavam instruídos. E foi divulgado esse dito entre os judeus, até ao dia de hoje.⁵¹

Dr. Peterson pegou a Bíblia e colocou-a em sua mesa. “Lauren, saber que esses guardas eram muito bem treinados torna a narrativa de Mateus 28 impressionante. A visão que coincide com a ressurreição de Jesus era assustadora o suficiente para fazer soldados vigorosos ficarem ‘como mortos’. Deixe-me ler mais uma descrição da guarda romana”:

Eles não tinham qualquer interesse na tarefa para a qual foram designados. Seu único propósito e obrigação era desempenhar com todo rigor sua tarefa como soldados do Império Romano ao qual haviam dedicado lealdade. O selo romano afixado à pedra diante do túmulo de José de Arimateia era muito mais sagrado para eles do que toda a filosofia de Israel ou a santidade de seu antigo credo. Eles tinham... sangue frio o bastante para lançar sortes sobre um manto de uma vítima prestes a morrer.⁵²

Mina falou em seguida. “Dr. Peterson, lembro-me de ter lido Dr. T. G. Tucker descrevendo em riqueza de detalhes a armadura e as armas usadas por um centurião. A imagem que ele apresenta é a de uma máquina humana de luta.”⁵³

“Você está certa, Mina.”

Lauren não tinha certeza do que dizer, mas queria mostrar ao Dr. Peterson que ela estava ouvindo. “Vocês estão dizendo que, se havia uma guarda no túmulo após José de Arimateia ter sepultado Jesus, é improvável que eles tivessem dormido.”

“Muito improvável.”

Dr. Peterson pegou outro livro. “Dr. Thomas Thorburn nos conta que os soldados que faziam a guarda ficaram em situação difícil. Quando a pedra foi removida e o selo quebrado, eles viram-se julgados pela corte marcial. Ele escreve: ‘Os soldados não podem ter alegado que estavam dormindo, pois sabiam muito bem que o castigo por dormir em serviço era a morte — sempre rigorosamente executada.’⁵⁴ Ele continua: ‘Aqui os soldados provavelmente não teriam outra alternativa exceto confiar no apoio dos sacerdotes. O corpo (vamos supor) fora levado, e a negligência deles em caso algum (sob circunstâncias ordinárias) seria punido com a morte’.”

Dezessete

O Túmulo Vazio

-

“Dr. Peterson, quão certos podemos estar de que o túmulo ficou vazio depois desse terremoto?”, perguntou Brett. “Vamos supor que os discípulos tiveram alucinações ou sonharam com o Salvador deles ressuscitado. O corpo não podia estar no túmulo ainda?”

“Você já ouviu falar de Sir Norman Anderson, que foi advogado e professor de lei oriental na Universidade de Londres?”

Brett balançou a cabeça enquanto o Dr. Peterson dirigia-se a outra prateleira e pegava outro livro.

“Scott? Andrea? Alguém?”

Mina sorriu. “Só conheço porque ouvi o senhor referir-se a ele antes.”

Dr. Peterson sorriu e ajeitou os óculos.

“Sir Norman Anderson estudou em St. Lawrence College e Trinity College, Cambridge, onde alcançou o primeiro lugar em avaliações na graduação e no Mestrado. Depois da graduação, ele viajou para o Egito, onde aprendeu árabe e desenvolveu um interesse em lei árabe e islâmica. Ele foi de suma importância em vários postos acerca de questões árabes, e logo se tornou coronel e secretário-chefe da seção política do quartel general do Oriente Médio. Foi nomeado Oficial da Ordem do Império Britânico por esses serviços.”

Os oito estudantes sorriram uns para os outros enquanto o Dr. Peterson divagava, folheando seus livros.

“Ao retornar à Inglaterra alguns anos depois, Anderson ingressou na Escola de Estudos Orientais e Africanos, tornou-se professor de Lei Oriental e, por fim, atuou como chefe do departamento por vinte anos. Sir Anderson foi nomeado cavaleiro em 1975, e também viajou aos Estados Unidos para ministrar palestras em universidades, incluindo Princeton. Foi-lhe oferecido um cargo vitalício em Harvard, e recusou. Faleceu com mais de 90 anos. Vocês se importam se eu ler a conclusão de Sir Anderson sobre o túmulo vazio?”

“Por favor, leia”, disseram Andrea e Lauren ao mesmo tempo.

“Perguntaram a Sir Anderson: ‘O senhor percebeu que todas as referências ao túmulo vazio aparecem nos Evangelhos, que foram escritos para dar à comunidade cristã os fatos que queriam saber?’ Dr. Anderson respondeu: ‘Na pregação pública àqueles que não eram crentes, conforme registrado em Atos dos Apóstolos, há grande ênfase no fato da ressurreição, mas nem uma única referência ao túmulo vazio. Por quê? Para mim só existe uma resposta: Não havia motivo para discutir acerca do túmulo vazio. Todo o mundo, amigo ou oponente, sabia que ele ficou vazio. A única questão a ser discutida era por que o túmulo ficou vazio e o que isso prova’.”⁵⁵

Dr. Peterson continuou: “Sir Anderson também disse o seguinte sobre o túmulo vazio:

O túmulo vazio está lá, uma rocha genuína, como um elemento essencial na evidência da ressurreição. Sugerir que não estava totalmente vazio, como alguns têm feito, parece-me ridículo. É uma questão histórica que os apóstolos desde o início converteram a muitos em Jerusalém, por mais hostis que fossem, proclamando as Boas-Novas de que Cristo ressuscitou da sepultura — e eles fizeram isso a uma curta distância do sepulcro. Qualquer um de seus ouvintes poderia ter visitado o túmulo e retornado entre o almoço e o que quer que fosse equivalente ao chá da tarde. Logo, é concebível que os apóstolos fossem bem-sucedidos se o corpo de quem proclamavam ser o Senhor ressuscitado estivesse o tempo todo se decompondo no túmulo de José? Uma grande comitiva de sacerdotes e muitos fariseus obstinados teriam ficado impressionados com a

proclamação de uma ressurreição que na verdade não foi ressurreição, mas uma simples mensagem de sobrevivência espiritual expressa nos termos enganosos de um ressurgir literal da sepultura?”⁵⁶

“A maioria dos estudiosos concorda com Anderson. Há pouco tempo, li uma observação do Dr. J. P. Moreland que tenho aqui em algum lugar...”

Scott estava andando em volta da sala lendo títulos e balançando a cabeça.

“Ok, aqui está. J. P. Moreland escreve: ‘Em suma, a ausência de uma referência explícita ao túmulo vazio nos discursos em Atos dos Apóstolos é mais bem explicada pela observação de que não havia um debate sobre o fato de o túmulo estar vazio e, portanto, isso não era um problema. O principal debate era sobre por que ele estava vazio, não se estava vazio... Não havia necessidade de os pregadores da Igreja Primitiva preocuparem-se com a questão do túmulo vazio. Tratava-se de conhecimento comum que poderia ser facilmente verificado caso fosse necessário’.”⁵⁷

Dezoito

A Importância das Aparições

-

Brett decidiu seguir outra linha. “Digamos que haja alguma explicação racional sobre por que o túmulo estava vazio. O senhor pode nos dar outras evidências da ressurreição?”

Dr. Peterson dirigiu-se até onde estava Scott e pegou outro livro. “Deixe-me ler do Dr. John Warwick Montgomery, que fez a seguinte observação:”

Observe que quando os discípulos de Jesus anunciaram a ressurreição, eles o fizeram como testemunhas e enquanto pessoas que tiveram contato com os eventos ainda estavam vivas. Em 56 d.C., Paulo escreveu que mais de 500 pessoas tinham visto o Jesus ressuscitado e que a maioria ainda estava viva. Há uma referência em 1 Coríntios 15.6. Ela ultrapassa os limites de credibilidade de que os cristãos primitivos podiam ter inventado tal conto e então pregado entre aqueles que poderiam refutar isso com facilidade simplesmente apresentando o corpo de Jesus.⁵⁸

Scott falou em seguida. “Quem são todas essas pessoas que o senhor está citando? Nunca ouvi falar de John Warwick Montgomery.”

Dr. Peterson observou a orelha do livro. “Scott, Montgomery tem dez títulos, incluindo seu Bacharel em Humanidades com honra de Cornell, Mestre em Filosofia do Direito pela Universidade de Essex, um Mestrado em Direito da Universidade Cardiff, no País de Gales, um doutorado da Universidade de Chicago, um doutorado da Universidade de Strasbourg, França, e um doutorado

em Direito Canônico pela Universidade Cardiff. Um histórico acadêmico notável!”

“Parece-me que os relatos de aparição após a ressurreição não se encaixam um com os outros”, disse Brett. “Alguns testemunhos falam de mulheres. Outros não. Quais foram as aparições verdadeiras?”

Dr. Peterson não perdeu tempo. Foi até sua mesa principal, pegou um fichário e abriu em uma das divisórias. “Estas são algumas de minhas anotações feitas ao longo do meu processo trabalhando nisso no ano passado. Aqui está uma lista que compilei mostrando as múltiplas aparições de Jesus pós-ressurreição.” Ele entregou o fichário a Brett, que leu:

À Maria Madalena: Marcos 16.9; João 20.14

Às mulheres que voltavam do túmulo: Mateus 28.9,10

A Pedro mais tarde naquele dia: Lucas 24.34; 1 Coríntios 15.5

Aos discípulos de Emaús: Lucas 24.13-33

Aos apóstolos sem Tomé: Lucas 24.36-43; João 20.19,20

Aos apóstolos com Tomé presente: João 20.26-29

Aos sete junto ao mar de Tiberíades: João 21.1-23

À multidão de mais de 500 crentes em um monte na

Galileia: 1 Coríntios 15.6

A Tiago: 1 Coríntios 15.7

Aos onze: Mateus 28.16-20; Lucas 24.33-52

A um grupo de discípulos na ascensão: Atos 1.3-12

A Paulo: Atos 9.3-6; 1 Coríntios 15.8

A Estêvão: Atos 7.55

A Paulo no Templo: Atos 22.17-21; 23.11

A João em Patmos: Apocalipse 1.10-19

Dr. Peterson continuou: “Brett, até no jornalismo, a omissão de um indivíduo ou detalhe não é necessariamente a negação. Algumas das supostas contradições são mais fáceis de ser explicadas do que eu pensava no início. Por exemplo, Paulo e os evangelistas não poderiam ter mencionado as aparições vistas pelas mulheres porque o testemunho de mulheres não era considerado válido no tribunal de justiça naquela época. Além disso, o fato de que os registros dos Evangelhos testificam as aparições de Cristo a mulheres indica que realmente aconteceram. A história é simples e não tem o ornamento lendário dos evangelhos gnósticos do segundo século.”

Susan Peterson entrou. “Desculpe interromper, mas preparei algumas sobremesas e café lá fora para quem quiser.”

“Parece ótimo!”, respondeu Scott.

Brett falou alto: “Testifico o fato de que gosto muito de sobremesas!”

Dezenove

Corpos Espirituais

-

Enquanto os estudantes sentavam-se na varanda dos fundos em torno da churrasqueira, a conversa continuou com os temas da ressurreição de Jesus, céu e vida após a morte. Mina e Jéssica compartilharam histórias sobre Nick e Jamal, e Andrea fez algumas perguntas sobre o céu ao Dr. Peterson, expressando suas dúvidas e conflitos. Ela falou sobre a morte — não só de Nick e Jamal, mas também de um primo que havia morrido em um acidente de carro recentemente. Scott e Lauren estavam curiosos acerca da natureza do corpo ressurreto e queriam saber se, caso fosse acontecer uma ressurreição, se talvez não seria algum tipo de ressurreição espiritual. Certa vez, Lauren tinha ouvido um convidado no programa da Ophra falando sobre todo o mundo sendo transformado após a morte em seres espirituais iluminados — algo semelhante a anjos.

Andrea perguntou: “Paulo não chama nossos corpos ressurretos de ‘corpos espirituais’?”

Dr. Peterson respondeu: “Os escritores do Novo Testamento concordam que Jesus apareceu corporalmente, em forma física. Deve-se observar que quando Jesus foi visto em seu corpo espiritual, não era totalmente o mesmo que seu corpo terreno. Mas Jesus ainda tinha um corpo espiritual, e nem Paulo nem os escritores dos Evangelhos entendem que significa um ser puramente espiritual que é como uma ‘luz’ ou um fantasma nebuloso que ainda paira pela Terra. O corpo de Jesus podia ser visto e tocado fisicamente, e nunca foi reconhecido como qualquer outra coisa exceto o corpo colocado no túmulo.”

“Então, Dr. Peterson, neste exato momento, Nick e Jamal estão em ‘forma corpórea’ com Cristo?”, perguntou Jéssica.

“Eles certamente estão com Deus em espírito, e têm um estado corporal. Porém, as Escrituras nos dizem que os mesmos corpos em que morreram serão ressuscitados e transformados.”

“Espero ter um corpo diferente no céu!”, comentou Andrea com um sorriso.

“E eu com certeza espero ter mais cabelo!”, respondeu o Dr. Peterson rapidamente. “A propósito, tenho um livro que trata dessa questão.”

Susan Peterson arregalou os olhos. “Ele sempre tem outro livro. Queria que ele colocasse todos no iPad que lhe dei em seu aniversário. Há livros demais em seu escritório!”

Dr. Peterson voltou com o livro e começou a ler.

Mas embora seja verdade que Paulo ensina que nosso corpo ressurreto seguirá o padrão do corpo de Jesus e será espiritual, não significa que esse corpo não será físico. Tal interpretação não é confirmada por uma exegese dos ensinamentos de Paulo. Se por soma pneumatikon (“corpo espiritual”) se entende um corpo que é intangível ou imaterial, então é falso afirmar que Paulo ensinou que teremos esse tipo de corpo ressurreto. Comentaristas do Novo Testamento concordam que um pneumatikos significa “espiritual” no sentido de orientação, não substância (cf. 1 Co 2.15; 10.4). A transformação do corpo terreno em um soma pneumatikon não o resgata da materialidade, mas da mortalidade.⁵⁹

Dr. Peterson inclinou-se mais perto da churrasqueira e virou a página.

Um soma (“corpo”) que é intangível teria sido uma contradição em termos para o apóstolo. O corpo da ressurreição será um corpo imortal, poderoso, glorioso, dirigido pelo Espírito, adequado para habitar em uma criação renovada. Todos os comentaristas concordam que Paulo não ensinou a imortalidade apenas da alma; mas sua afirmação da ressurreição do corpo torna-se vaga e indistinguível de uma doutrina a menos que signifique a ressurreição tangível, física. A evidência exegética, portanto, não justifica uma bifurcação entre Paulo e os Evangelistas

no que diz respeito à natureza do corpo ressurreto.⁶⁰

“Não tenho certeza de como o senhor pode acreditar em tudo isso”, disse Lauren. “Fico feliz que a ideia de vida após a morte lhe dê sentido e conforto, mas acho que isso é uma porção de desejos ilusórios, e requer um grande salto de fé para acreditar.

Vinte

Paulo e seus Inimigos

-

Mina replicou: “Ok, Lauren. Vou ser franca sobre o que você está dizendo. Você ainda não tem uma refutação de excelente evidência histórica e lógica. Ninguém tem! Na verdade, os inimigos de Cristo não refutaram a ressurreição. Eles ficavam em silêncio ou zombavam, mas não apresentaram uma boa explicação.”

“O que você quer dizer?”, perguntou Brett.

“Bem, alguns dos primeiros inimigos ficaram em silêncio, e eles estavam em uma posição melhor do que qualquer pessoa na história para refutar essas declarações sobre Jesus. Em Atos 2, Pedro levantou-se no Dia de Pentecostes e com ousadia proclamou a ressurreição diante de uma multidão de opositores. Não houve nem um pouquinho de refutação dada pelos judeus. Por quê? Porque a evidência do túmulo vazio estava lá para todos averiguarem se quisessem desmentir, mas ninguém fez isso. Pedro também diz a essa multidão que eles estavam cientes dos milagres de Cristo, e em vez de refutá-lo, muitos se tornaram cristãos naquele dia!”

Mina abriu a Bíblia em seu celular e prosseguiu. “Brett, em Atos 25, Paulo estava preso em Cesareia. Festo, que era responsável pelo processo, ‘convocou o tribunal e ordenou que Paulo fosse trazido perante ele. Quando Paulo apareceu, os judeus que tinham chegado de Jerusalém se aglomeraram ao seu redor, fazendo contra ele muitas e graves acusações que não podiam provar’.⁶¹ O que irritava tanto os judeus no evangelho pregado por Paulo? Que ponto eles evitavam totalmente ao fazer suas acusações? Ao explicar o caso ao rei Agripa, Festo descreve a questão central como relacionada a ‘um certo Jesus, já morto, o qual Paulo insiste que está vivo’.⁶² Os judeus não podiam explicar o túmulo

vazio, e isso simplesmente os irritava. Faziam todo tipo de ataques pessoais a Paulo, mas evitavam a evidência objetiva para a ressurreição.”

Mina continuou: “A outra reação mais popular é que os oponentes ‘zombavam. Quando Paulo foi a Atenas falar aos filósofos epicureus e estoicos acerca de Cristo, eles não tiveram resposta para os seus argumentos. Lucas registra que ‘quando ouviram sobre a ressurreição dos mortos, alguns deles zombaram’.⁶³ Como os novos ateus, eles riam disso porque não conseguiam entender como um homem pôde ressuscitar dos mortos. Eles nem tentaram defender seu posicionamento racionalmente.”

Lauren não disfarçou sua impaciência. “Não importa, Mina.”

“Oh, esqueci de falar sobre Festo e Agripa”, acrescentou Mina.

“Temos alguma prova de que Festo e Agripa foram pessoas reais na história?”, provocou Lauren.

“Na verdade, temos”, replicou Scott. “A existência deles é um fato histórico. Eu verifiquei.”

“Bem, deixe pra lá.” Lauren não tinha certeza de querer continuar ouvindo.

Mas Mina prosseguiu: “Paulo disse a Agripa e a todos na corte que Cristo ‘haveria de sofrer e, sendo o primeiro a ressuscitar dentre os mortos, proclamaria luz para o seu próprio povo e para os gentios’.⁶⁴ Enquanto Paulo estava dizendo isso em sua defesa, Festo gritou com ele. Veja como aconteceu:”

A esta altura Festo interrompeu a defesa de Paulo e disse em alta voz: “Você está louco, Paulo! As muitas letras o estão levando à loucura! Respondeu Paulo: “Não estou louco, excelentíssimo Festo. O que estou dizendo é verdadeiro e de bom senso. O rei está familiarizado com essas coisas, e lhe posso falar abertamente. Estou certo de que nada disso escapou do seu conhecimento, pois nada se passou num lugar qualquer. Rei Agripa, crês nos profetas? Eu sei que sim”. Então Agripa disse a Paulo: “Você acha que em tão pouco tempo pode convencer-me a tornar-me cristão?”⁶⁵

Enquanto Brett ouvia Mina falar sobre o silêncio e a zombaria dos críticos, pensava que tinha que haver outra explicação. Refletiu sobre o especial do Discovery Channel, produzido por James Cameron, a que tinha assistido alguns anos antes. Brett estava determinado a descobrir outra explicação.

À medida que anoitecia e os estudantes começaram a conversar sobre outros assuntos, Dr. Peterson convidou quem quisesse para ir com eles à igreja e almoçar no domingo de Páscoa dentro de duas semanas.

Lauren pensou que, como não viajaria para a Califórnia, talvez seria bom ir à igreja. Ela tinha acabado de comprar alguns vestidos novos e sempre houve algo acerca do domingo de Páscoa que a fazia sentir-se emotiva e esperançosa.

Scott estava se perguntando como responder ao convite. “Quer saber de uma coisa? Só acho que precisamos ter a certeza de que estamos olhando ‘os dois lados da moeda’.” Era óbvio que ele estava um pouco frustrado e se sentindo em uma “panelinha” com Lauren e Brett. “Vou visitar sua igreja se alguns de vocês estiverem dispostos a assistir a um vídeo que mostra o outro lado. Também gostaria de convidar o Dr. Clayton Ingraham que falou em nosso clube ateuísta. Eu já estava planejando encontrar-me com o Dr. Ingraham na próxima quarta-feira para fazer algumas perguntas teológicas. Meu condomínio fica bem perto do campus. Por que vocês todos não aparecem lá na quarta-feira? Podemos assistir a uns 20 minutos de O Túmulo Secreto de Jesus, de James Cameron, e talvez conversar sobre outras objeções à ressurreição.”

Andrea reagiu de imediato: “Scott, você está falando sério?! James Cameron? Você está brincando? Acredita em Avatares azuis também!?”

Mina logo replicou: “Andrea, seja gentil. Isso pode gerar uma conversa divertida sobre o túmulo de Talpiot e os ossuários. Vamos assistir por alguns minutos e então dialogar sobre as objeções que o Dr. Ingraham provavelmente apresentará. Com todo respeito, Scott, poucos estudiosos com exceção de talvez James Tabor acreditam na legitimidade desse suposto túmulo de Jesus, mas tenho certeza de que Ingraham está ciente das objeções e talvez tenhamos um debate acalorado. Dr. Peterson, o senhor pode participar?”

“Sinto muito. Não nessa noite, mas obrigado pelo convite. Susan e eu temos que ir a um jantar, mas, por favor, digam a Clayton que mandei lembranças. Fomos amigos durante anos.”

Vinte e um

James Cameron e o Túmulo Secreto de Jesus

-

Na quarta-feira à noite, alguns estudantes, junto com o Dr. Clayton Ingraham, reuniram-se no condomínio de Scott. Mesmo não sendo grande, sua sala integrada com a tela plana de 50 polegadas proporcionava uma atmosfera agradável para os estudantes assistirem a uma parte do filme de James Cameron e conversarem depois.

Quando o filme teve início, Mina começou a digitar observações em seu laptop. Ela já tinha assistido ao filme no início da semana e anotado alguns tópicos, mas continuava observando novas questões. Também pesquisou “The Lost Tomb of Jesus” [O Túmulo Secreto de Jesus] no site do Discovery Channel. Enquanto os demais estudantes assistiam ao filme, Mina pesquisava o site. Estava escrito:

Desde os anos 1970, centenas de túmulos e milhares de ossuários (caixas de calcário com ossos) foram descobertos na área de Jerusalém. Esses ossuários serviram como caixões na Jerusalém do Primeiro Século. Seis dos ossuários neste túmulo possuem inscrições. Verifica-se que todas as inscrições neste túmulo em particular relacionam-se com os Evangelhos. No documentário em destaque, O Túmulo Secreto de Jesus, defende-se que o “Túmulo dos Dez Ossuários”, com 2.000 anos de existência, pertencia à família de Jesus de Nazaré. Todos os principais epigrafistas concordam quanto às inscrições. Todos os arqueólogos confirmam a natureza da descoberta. Um estudo estatístico comissionado pelas emissoras (Discovery Channel / Vision Canada / C4UK) conclui que o fator de probabilidade está em cerca de 600 para 1 de que um grupo de nomes igualmente “surpreendente” apareceria por acaso sob dadas hipóteses. O filme também registra a coleta de DNA de restos humanos

encontrados em dois dos ossuários e revela novas evidências que lançam luz no relacionamento de Jesus com Maria Madalena.⁶⁶

Scott avançou para uma das partes mais importantes do filme, afirmando que os ossos de Jesus Cristo foram descobertos.

Quando o filme terminou, Brett fez um comentário: “Parece uma alternativa viável. Mais uma vez, tenho que dizer que acho difícil acreditar que esse homem, Jesus Cristo, realmente ressuscitou dentre os mortos. Dr. Ingraham, o que o senhor acha?”

“Bem, não é minha alternativa favorita para a ressurreição”, respondeu pausadamente o Dr. Ingraham.

“Qual é a sua preferida?”, perguntou Mina.

“Há diversas explicações melhores sobre as quais podemos falar mais tarde.”

“Dr. Ingraham, o que o senhor acha do estudo estatístico do Discovery Channel que concluiu que o fator de probabilidade era de 600 para 1 contra um grupo igualmente surpreendente de nomes aparecendo por acaso?”, indagou Andrea.

Ela também deve ter feito anotações, pensou Mina.

“Não sou cristão, mas acho que a estatística 1 em 600 é falha.

Até me lembro de ter lido um artigo que questionava essa estatística por uma série de razões. Sei que meu colega James Tabor vai discordar, porém há muitos outros não ateus como William Dever, que obteve seu doutorado em Harvard, que questionam a confiabilidade desse filme, simplesmente com uma base histórica.”

Mina pronunciou-se. “Scott, estou no site do Dr. Gary Habermas e tenho algumas conclusões dele e do Dr. Ben Witherington. Posso ler algumas?”

“Vá em frente”, replicou Scott.

Mina começou: “Dr. Ben Witherington, professor de Novo Testamento no Seminário Teológico Asbury e autor de *What Have They Done with Jesus?*, teve o seguinte a dizer:

[O Túmulo Secreto de Jesus] vai obter um bom resultado na tela, mas envolve uma leitura crítica ruim da história. Basicamente, é notícia antiga com uma nova interpretação. Sabemos a respeito desse túmulo desde que foi descoberto em 1980. Há razões de todo tipo para ver que se trata de muito barulho por nada.⁶⁷

“Então, do Dr. Habermas:

Um número incrível de problemas está presente na declaração recente de que a sepultura de Jesus foi descoberta. No fim, a evidência consagrada pelo tempo, multifacetada, para o registro dos Evangelhos acerca da divindade, morte e ressurreição física de Jesus está mais convincente do que nunca. Até os primeiros oponentes da mensagem cristã reconheceram que o túmulo de Jesus estava vazio. E a evidência das aparições de Jesus após a ressurreição física nunca foram refutadas.⁶⁸

“Há uma lista de objeções aqui”, Mina observou. “Deixe-me ler algumas”:

Os nomes “José” e “Jesus” eram muito populares no primeiro século. “Jesus” aparece em pelo menos 99 túmulos e 22 ossuários. “José” aparece em 45 ossuários.

“Maria” é o nome feminino mais comum no mundo judaico antigo.

Absolutamente, a prova do DNA não estabelece ligações positivas nesse túmulo.

A comparação estatística a Jesus de Nazaré é extremamente falha.

Não há ligação histórica nem de túmulo com Maria Madalena.

O “Jesus” no túmulo era conhecido como “filho de José”, porém os seguidores mais antigos do Jesus do Novo Testamento não o chamavam assim.

É improvável que o túmulo da família de Jesus se localizasse em Jerusalém.

O túmulo de Talpiot era caro. Tudo indica que pertencia a uma família rica.

O décimo ossuário é considerado o “ossuário de Tiago”, sem que haja fundamento para isso.

Todas as fontes antigas concordam que, pouco tempo depois, o túmulo onde Jesus de Nazaré foi sepultado estava vazio.

Os dados do túmulo de Talpiot falham em esclarecer as aparições do Jesus ressurreto.

Enquanto Mina citava mais informações, Scott e Lauren olhavam para o Dr. Clayton Ingraham esperando que ele apresentasse algum contra-argumento. Como o Dr. Ingraham não disse nada, Lauren achou que era melhor mudar de assunto.

Vinte e dois

Cristianismo e Mitologia Pagã

-

“Olha, talvez o filme de Cameron não esteja exatamente certo, mas com certeza há explicações para essa suposta ressurreição. Talvez seja apenas um mito seguindo o modelo dos vários deuses da fertilidade de religiões pagãs que morrem e ressuscitam, como Osíris, Adonis, Ísis. Toda essa história de ressurreição pode simplesmente ter derivado de religiões pagãs misteriosas.”

“Eu gostaria de falar sobre isso”, respondeu Andrea. “Há um ano, quando eu era uma ateuista confessa, alguns de vocês vão se recordar que tinha convicção dessa teoria popularizada por céticos da internet. Depois de conversar com Jamal e investigar, descobri que muitos dos supostos ‘paralelos’ entre a doutrina cristã da ressurreição e os deuses pagãos que morrem e ressuscitam eram paralelos bastante exagerados. Para falar a verdade, muitas vezes os críticos descrevem rituais pagãos com linguagem que pegam emprestado do cristianismo! Palavras como ‘batismo’ e ‘ressurreição’ com frequência são atribuídas indiscriminadamente aos atos de divindades pagãs, mesmo quando têm pouco em comum com as crenças cristãs. A cronologia não apoia uma dependência cristã primitiva nas religiões de mistério. Mina, quer acrescentar alguma coisa?”

“Só que é muito, muito improvável mesmo que Paulo — com seu monoteísmo rigoroso e raízes judaicas — teria feito empréstimos de religiões pagãs. E também que a morte e ressurreição de Jesus Cristo aconteceram em um período da história em tempo e lugar específicos historicamente.”

Brett fez uma pergunta: “Todos vocês já conhecem a teoria do ‘túmulo errado’, difundida pelo Professor Kirsopp Lake, que ensina que as mulheres não sabiam onde Jesus estava sepultado e, por engano, foram ao túmulo errado? Como

resultado de chegar ao túmulo errado, elas ficaram convictas de que Jesus ressuscitara.”⁷⁰

Mina foi rápida ao responder: “Primeiro, essa teoria ignora toda a evidência. Segundo, a teoria é totalmente construída de acordo com uma noção pré-concebida. Eu estava prevendo algumas objeções populares como essa, a teoria da lenda e a teoria da alucinação, então escrevi algumas respostas de estudiosos importantes”.

Mina abriu um documento do Word em seu computador. “Dr. William Lane Craig declara que ‘se a ressurreição foi um engano colossal com base no erro das mulheres, então os inimigos do cristianismo ficariam mais que felizes em apontar isso, indicando onde estava o túmulo certo ou talvez até exumando um corpo. A ideia de que a ressurreição originou-se do fato de as mulheres irem ao túmulo errado é superficial demais’.⁷¹ Brett, a partir de seus estudos, você e Scott sabem que teorias alternativas devem prestar contas de todos os fatos. Então vamos levar a teoria do túmulo errado à sua conclusão lógica. Se as mulheres foram ao túmulo errado, então você teria que dizer que os homens também foram ao túmulo errado, assim como os judeus, os romanos e acho que até os anjos. Brett, para mim, isso é realmente forçado. A teoria do túmulo errado não considera a conversão de Paulo ou Tiago.”

Charles, um dos amigos de Brett no clube ateuista, comentou: “Essa história de ressurreição deve ser uma lenda. Sabe como é — conta-se uma história várias vezes, espera-se o tempo suficiente e por fim você tem uma versão bem exagerada da original.”

Andrea replicou: “Mas isso não seria impossível? Relatos da ressurreição foram postos em circulação e escritos por testemunhas originais. Em meados dos anos 50 d.C., Paulo relatou que havia mais de 500 testemunhas de primeira mão ainda vivas. E isso já era conhecido entre três a oito anos da época de Cristo.”

“Três a oito anos da época de Cristo? O que isso quer dizer?”, perguntou Brett.

Mina respondeu rapidamente: “Sim, a passagem que inclui ‘linguagem do credo’ em 1 Coríntios provavelmente estava em circulação no período de alguns anos após a ressurreição de Cristo. Estudiosos identificaram o que acreditam ser, no mínimo, porções de confissões do credo de cristãos primitivos que foram formuladas e transmitidas verbalmente anos antes de serem registradas nos livros

do Novo Testamento. De acordo com a explicação do apologeta Gary Habermas, essas afirmações ‘preservam alguns dos relatos mais antigos acerca de Jesus, cerca de 30-50 d.C. Portanto, no verdadeiro sentido, os credos preservam material pré-neotestamentário, e são nossas fontes mais antigas sobre a vida de Jesus’.⁷² Em outras palavras, esses ditos eram memorizados e transmitidos oralmente”.

Mina começou a ler anotações de palestras que Jamal lhe enviara por e-mail no último ano. “Mais de 90% de todos os estudiosos que publicaram algo acerca da ressurreição nos últimos anos, incluindo os mais liberais em instituições Ivy League, admitem a datação mais antiga de 1 Coríntios, entre 53 e 57 d.C., e, segundo, estudiosos admitem que Paulo é o verdadeiro autor.”

Mina continuou: “Uma das confissões do credo está em 1 Coríntios 15.3-5. Está escrito assim: ‘Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e que foi visto por Cefas e depois pelos doze.’”

Lauren olhou para o Dr. Ingraham, que estava quieto demais. “Professor Ingraham, qual é sua explicação alternativa favorita?”

Vinte e três

A Teoria da Alucinação

-

“Bem, muitas têm méritos, mas gosto particularmente da teoria da alucinação. Também me sinto inclinado a achar que o corpo foi roubado. Não estou totalmente convencido, mas concordo que as testemunhas de Paulo, Pedro e os discípulos achavam ter visto um Cristo ressurreto. A palavra-chave aqui é ‘achavam’.”

Lauren e Amy sorriram uma para a outra. Talvez seu campeão a favor do ateísmo estivesse preparando-se para explicar tudo. Mina, Andrea e Jéssica também sorriram umas para as outras, porque tinham lido vários artigos de Ingraham e sabiam que havia pesquisado a fundo essa objeção.

“Também vamos ter em mente que os discípulos não eram o grupo mais astuto”, prosseguiu o Dr. Ingraham com um sorriso forçado. “A palavra ‘alucinação’ vem do latim e significa ‘um delírio da mente’, conversa fútil, desvario.”⁷³

Observações médicas e psicológicas concordam que uma alucinação é um aparente ato de visão para o qual não há um objeto externo correspondente. Alucinações resultam de causas psicológicas puramente internas — não da presença de um objeto externo. São visões subjetivas. É provável que esses discípulos pensaram ter visto algo que na verdade não estava lá.”

Andrea falou primeiro: “Em geral, Dr. Ingraham, não são apenas tipos específicos de pessoas que têm alucinações — geralmente indivíduos paranoicos ou esquizofrênicos, pacientes à beira da morte, ou aqueles sob o efeito de drogas?”

“Bem, com frequência é este o caso. O grupo de excêntricos incultos em torno de Jesus me parece meio paranoico”, replicou o Dr. Ingraham.

Mina o interrompeu: “Na verdade, parece que temos tipos diferentes de pessoas de diferentes contextos, idades e ocupações afirmando terem visto o Jesus ressuscitado”.

Andrea continuou: “Dr. Ingraham, alucinações estão ligadas ao subconsciente e a experiências passadas de um indivíduo, tornando bastante improvável que duas ou mais pessoas pudessem ter a mesma alucinação ao mesmo tempo. Cristo apareceu a diversas pessoas, e as descrições dessas várias aparições envolvem muitos detalhes, o que os psicólogos considerariam bons indicadores de que aqueles indivíduos estavam em contato com a realidade.

Dr. Ingraham apenas sorria enquanto as jovens conversavam.

Andrea olhou em torno da sala para ver as reações, mas continuou falando: “Gostaria de ler uma conclusão do Dr. Gary Collins, psicólogo clínico: ‘Alucinações são ocorrências individuais. Por sua própria natureza, apenas uma pessoa pode ver uma determinada alucinação de cada vez. Com certeza não se trata de algo que possa ser visto por um grupo de pessoas... Como uma alucinação só existe no sentido pessoal, subjetivo, é óbvio que outras pessoas não podem testemunhá-la’.”⁷⁴

“Collins concluiu que a evidência contra a hipótese da alucinação é tão convincente que os céticos teriam que ‘ir contra os atuais dados psiquiátricos e psicológicos acerca da natureza das alucinações’.”⁷⁵

Mina continuou: “Dr. Ingraham, li seus artigos e estudei a natureza das alucinações. Elas geralmente são restritas a quando e onde podem acontecer. Nas situações do Novo Testamento, faltam circunstâncias favoráveis. E as aparições registradas são muito mais que meros vislumbres. Envolviam tempo. Temos um registro de quinze aparições diferentes, e uma delas para mais de 500 pessoas”.

O silêncio do Dr. Ingraham de repente se tornou irritação. “Vocês cristãos estão insinuando que os outros devem acreditar na ressurreição literal de Jesus ou irão para o inferno? E quanto às outras religiões?” Agora ele estava elevando a voz. “E quanto às crianças que cresceram aprendendo que o islamismo é a verdade? Elas vão para o inferno, Mina? Há quase um bilhão de muçulmanos que creem sinceramente que Cristo nem mesmo morreu na cruz. Acho que os cristãos que creem que Jesus Cristo é o único caminho são as pessoas mais intolerantes, mais fanáticos, no mundo todo.”

“Muito bom!”, aplaudiu Lauren.

Mina respondeu com cuidado. “Você apresentou várias objeções ao cristianismo, mas está mudando de assunto. A questão da salvação e de quem vai para o céu é outro tópico bem amplo em si mesmo, e digno de um debate. Mas agora estamos tentando mostrar, de um ponto de vista histórico, qual é a explicação mais racional para o túmulo vazio de Cristo e suas aparições pós-ressurreição. Você disse que a visão do islamismo sobre a crucificação e a ressurreição de Cristo se opõem à visão tradicional cristã. Uma dessas visões tem que estar certa e outra errada. É impossível que Jesus de Nazaré tenha morrido e não tenha morrido na cruz.”

“Dr. Ingraham”, perguntou Lauren, “em que exatamente os muçulmanos acreditam acerca da morte de Cristo?”

“Amigos, o Alcorão afirma que Jesus não foi crucificado”, respondeu o Dr. Ingraham. “Em vez de permitir que Jesus, um dos servos de Alá, fosse crucificado, diz-se que Alá respeitou seu profeta e o salvou, crucificando um espectador que se tornou parecido com Jesus. Isso é conhecido como ‘teoria da substituição’. Geralmente, Judas Iscariotes ou Simão Cireneu são considerados o substituto de Jesus. Em vez de ser crucificado, Jesus ascendeu ao céu, onde permanece vivo até seu retorno à terra antes do fim dos tempos.”

“O senhor acredita nessa teoria, Dr. Ingraham?”, perguntou Jéssica.

“Não necessariamente, mas quero apenas que os cristãos saibam que há outras linhas de pensamento.”

“Dr. Ingraham”, disse Mina, “eu rejeito a teoria muçulmana da substituição com base em problemas históricos. Quase não há estudiosos hoje que aceitem essa teoria, exceto os que já são comprometidos com a teologia islâmica. Historicamente, não temos evidência dessa teoria no primeiro século após a ressurreição. O Antigo Testamento predisse a morte do Messias, e então, ao morrer, Jesus cumpriu essas profecias. Temos uma cópia preservada dos rolos de Isaías, que incluem as profecias cumpridas por Jesus. Esses rolos foram descobertos nos Rolos do Mar Morto, que são datados em mais de cem anos antes do acontecimento.

“Além disso, Jesus predisse sua própria morte. Lembro-me de que o Dr. Michael Licona escreveu que há concordância entre os estudiosos — incluindo os céticos

— de que Jesus contou a parábola em Marcos 12, sobre um filho amado que foi assassinado por lavradores maus. É evidente que Jesus está falando sobre sua própria rejeição e morte futura pelas mãos do povo judeu.⁷⁶ Como Jesus predisse sua morte violenta e Maomé o considerava um profeta, se Jesus não morresse de modo violento Ele seria um falso profeta, um fato que seria anátema tanto para cristãos quanto para muçulmanos. E, se for o caso, então o Alcorão deve estar errado, pois declara que Ele escapou da morte por crucificação.”⁷⁷

Lauren estava frustrada. “Mina, vocês cristãos são tão intolerantes e críticos em relação à crença dos outros. Não deviam ficar por aí o tempo todo dizendo que os outros estão errados.”

“Então você está dizendo que minha conclusão está certa?”, perguntou Mina.

“Não!”, disse Lauren elevando a voz.

Mina sorriu.

Vinte e Quatro

A Teoria da Conspiração

-

Dr. Ingraham pronunciou-se. “Embora eu possa não concordar plenamente com o filme de Cameron, há um grupo de estudiosos que acreditam que os seguidores de Jesus roubaram o corpo e inventaram a história da ressurreição. Essa teoria até foi mencionada no Evangelho de Mateus.⁷⁸ Os guardas do túmulo foram até o sumo sacerdote judeu para contar o que havia acontecido. O sumo sacerdote subornou os guardas romanos e disse-lhes para espalhar a mentira de que os discípulos haviam roubado o corpo de Jesus. Em troca, o sumo sacerdote protegeu os guardas amenizando a situação com Pilatos.” Enquanto falava, Dr. Ingraham buscava algumas referências históricas em seu laptop.

“Mina, de acordo com Justino Mártir, em seu Diálogo com Trifão 108, por volta de 130 d.C., a história estava sendo contada: ‘Certo Jesus, um impostor galileu, a quem crucificamos, mas cujos discípulos roubaram o corpo do túmulo à noite, onde fora posto depois que foi tirado da cruz, e agora engana as pessoas, afirmando que ressuscitou dos mortos e ascendeu ao céu’.”⁷⁹

Jared, outro ateu, interrompeu entusiasmado: “Isso confirma o que pensamos o tempo todo — os discípulos conspiraram e roubaram o corpo!”

Acostumada com essa objeção popular, Mina já tinha marcado várias respostas. Consultando as pesquisas em seu computador, ela comentou: “Dr. Ingraham, o senhor deveria saber que essa teoria da conspiração foi refutada pelo grande historiador Eusébio em sua *Demonstratio Evangelica*. Eusébio afirma que é inconcebível que uma conspiração tão bem planejada, tão bem pensada, pudesse

ter êxito. Eusébio faz um discurso satírico que ele imagina ter sido proferido entre os discípulos em um esforço para motivarem uns aos outros:”

Vamos nos unir para inventar todos os milagres e aparições após a ressurreição que nunca vimos e vamos carregar toda a vergonha até a morte! Por que não morrer por nada? Por que repugnar a tortura e os açoites infligidos por uma razão que não é boa? Vamos sair por todas as nações, e arruinar suas instituições e censurar seus deuses! E mesmo se não convenceremos ninguém, pelo menos teremos a satisfação de lançar sobre nós a punição por nosso próprio engodo.

“Parece que Eusébio está sugerindo que, se desconfiarmos dos discípulos, então teremos que desconfiar de todos os escritores da história!”, comentou Andrea.

Dr. Ingraham cruzou os braços enquanto Mina continuava falando. “As notícias na mídia mostram continuamente que conspirações costumam desenredar-se. Ou os oponentes descobrem a verdade ou alguém de dentro fala ou desiste sob pressão. Dr. Ingraham, por favor, posso ler outra conclusão de Chuck Colson, conselheiro-chefe do presidente Nixon durante o escândalo de Watergate?”

“Eu realmente não sei o que isso tem a ver, mas prossiga e leia!”

“Obrigada. Colson escreveu: ‘Eu sei quão impossível é para um grupo de pessoas, até mesmo algumas das mais poderosas do mundo, manter uma mentira. O que estava escondido em Watergate durou apenas algumas semanas antes que o primeiro conspirador cedesse e passasse de cúmplice a testemunha de acusação dos coautores’.⁸⁰ Assim que a pressão aumentou e os conspiradores de Watergate perceberam que poderiam ser punidos, eles se separaram. Em contraste, mesmo enfrentando terrível perseguição e morte, nenhum dos discípulos de Jesus renunciou a fé na ressurreição de Jesus.”

Jéssica dirigiu-se a Jared: “Jared, você também mencionou que os discípulos roubaram o corpo. Como isso foi possível?”

“Bem, após uma longa noite até Jesus ser morto, os soldados provavelmente estavam exaustos e dormiram”, respondeu Jared.

“Aprendi com o Dr. Peterson que a disciplina e a responsabilidade dos soldados romanos era semelhante a dos integrantes da tropa de elite da marinha dos Estados Unidos. Considerando a notável disciplina do exército romano, não é ridículo acreditar que uma equipe de guardas altamente treinados caíram no sono durante o serviço enquanto um grupo de pescadores tímidos romperam o selo, rolaram a pedra, pegaram o corpo de Jesus e o levaram? Lembre-se, esses homens fugiram do jardim no primeiro sinal de problema, e o mais bravo deles praguejou e jurou a uma serva dizendo que nem mesmo conhecia Jesus.”

“Dr. Peterson lhe disse isso, não é?” Dr. Ingraham respirou fundo. “Meu Deus, como as crenças dele mudaram. Ele até me convidou para ir à igreja com ele no Domingo de Páscoa. Veja bem, Jéssica. Não me importo em quão treinados eram esses soldados. Todo o mundo fica cansado às vezes. Até a tropa de elite da marinha.”

“E quanto às aparições de Jesus após a ressurreição a céticos como Tiago, Tomé e Paulo? E quanto às quinhentas testemunhas? E, finalmente, por que os discípulos roubariam o corpo e deixariam as vestes mortuárias para trás? Por que ladrões perderiam tempo despiando cuidadosamente um corpo mutilado e deixando as vestes dobradas ao lado?”

Lauren começou a se sentir meio nervosa quando viu o Dr. Ingraham rindo de novo. Ele encarou Mina com um olhar inabalável e disse: “Jovem, você será uma boa advogada um dia”.

Scott estava esperando que Dr. Ingraham apresentasse mais argumentos, mas percebeu que, na verdade, ele estava olhando para o relógio e se preparando para sair. Antes que alguém dissesse alguma coisa, Jéssica perguntou: “Dr. Ingraham, o senhor vai à igreja com o Dr. Peterson? Scott e Brett concordaram em ir.”

“Oh, é mesmo?” Ele olhou para os jovens com um semblante confuso.

“Sim”, respondeu Scott. “Concordamos que se assistissem a uma parte de O Túmulo Secreto de Jesus conosco, iríamos à igreja com eles no Domingo de Páscoa”.

Dr. Ingraham riu.

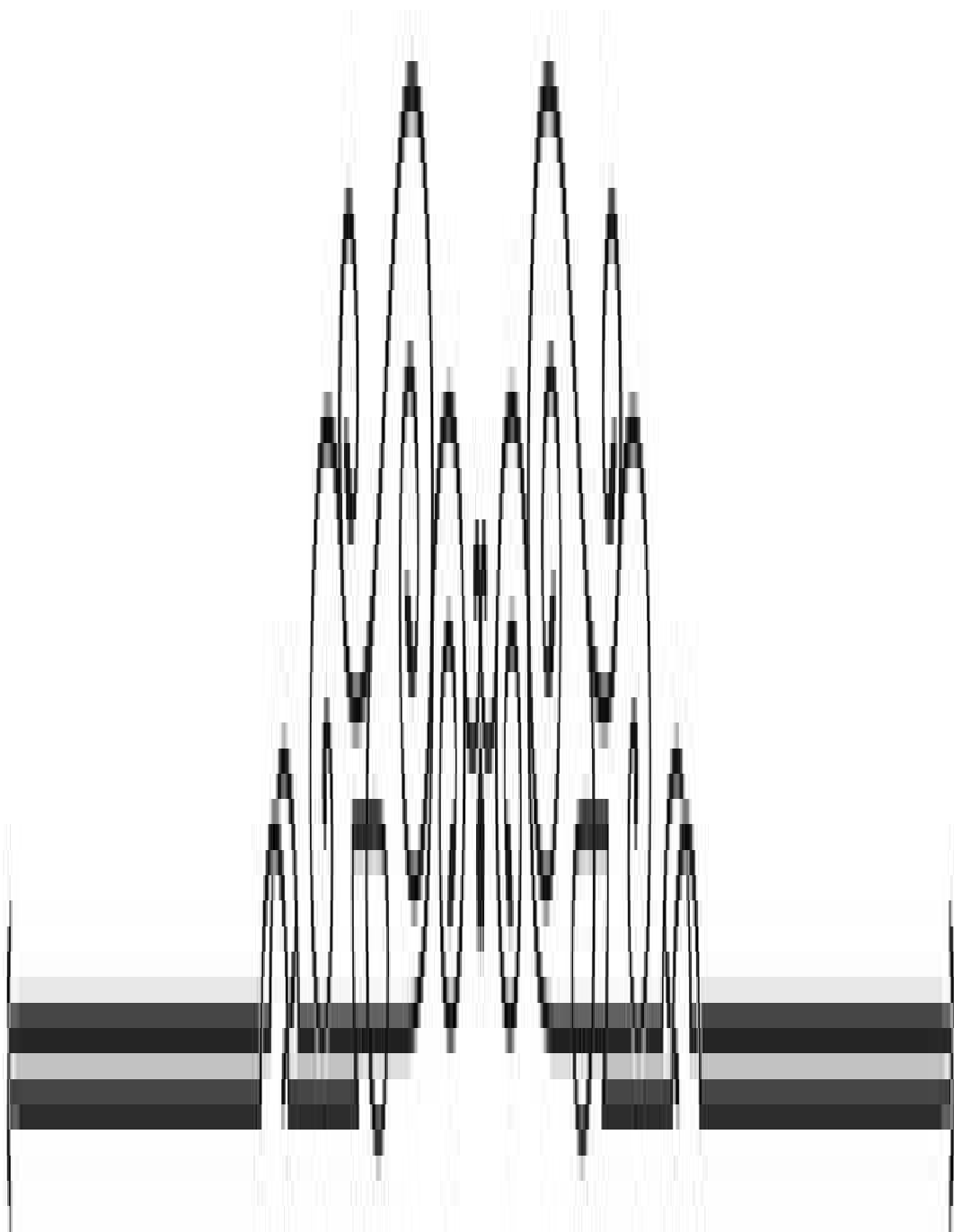
Vinte e Cinco

Domingo de Páscoa

-

Dr. Peterson e Susan reservaram duas fileiras de poltronas no auditório da megaigreja que frequentavam. Ela estava lotada com mais de cinco mil pessoas. Sentados com eles estavam Dr. Ingraham, sua esposa e sua filha, além de oito alunos. Scott sorriu para Brett e Lauren enquanto o preletor convidado, Dr. Gary Habermas, apresentava evidências para a divindade e a ressurreição de Jesus Cristo. Sabia que o Dr. Peterson estava planejando alguma coisa quando nos convidou para vir à igreja, pensou Scott.

Depois de examinar as Escrituras, Dr. Habermas usou uma abordagem “fatos mínimos” para argumentar que a ressurreição de Jesus foi física e histórica. Brett lembrou-se de ouvir Jamal e Dr. Peterson fazendo uma adaptação dessa abordagem. Essa estratégia destaca a evidência em que quase todos os estudiosos — dos agnósticos liberais e ateístas céticos a cristãos fundamentalistas — acreditam acerca do Jesus histórico. Habermas argumentou que, independentemente da convicção teológica, quase todos os estudiosos concordam que as seguintes afirmações sobre Jesus e seus seguidores são verdadeiras do ponto de vista histórico. Ele as apresentou em telas enormes:



Jesus morreu por crucificação romana.

Ele foi sepultado, mais provavelmente em um túmulo particular.

Pouco depois, os discípulos ficaram desencorajados, enlutados e sem esperança.

O túmulo de Jesus foi encontrado vazio pouco depois de seu sepultamento.⁸¹

Os discípulos tiveram encontros com aquele que acreditavam ser o Jesus ressuscitado.

Por causa dessas experiências, a vida dos discípulos foi totalmente transformada. Eles tornaram-se dispostos até a morrer por sua fé.

A proclamação da ressurreição de Cristo aconteceu bem antes do início da história da igreja.

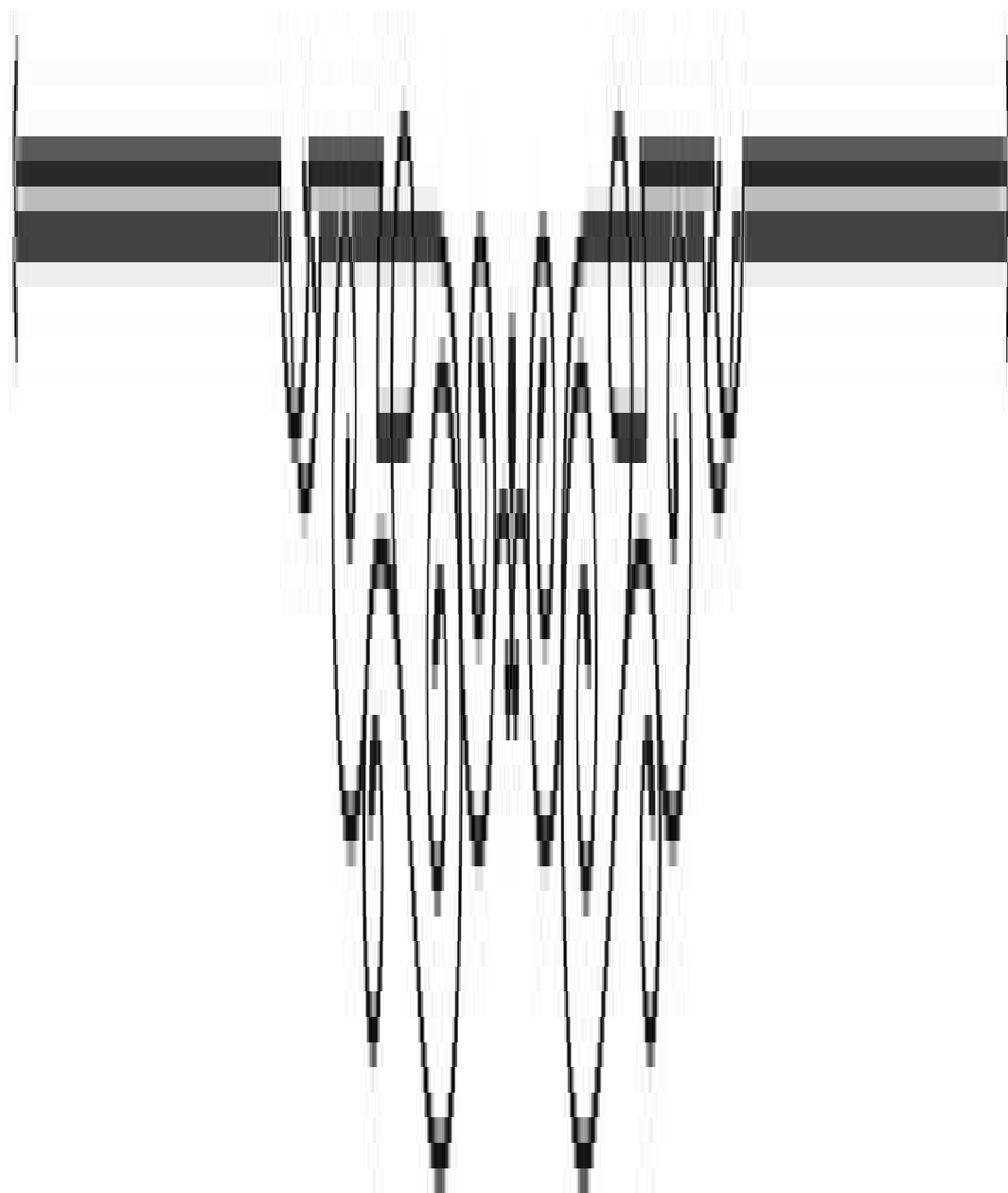
O testemunho público dos discípulos e a pregação da ressurreição ocorreram na cidade de Jerusalém, onde Jesus fora crucificado pouco tempo antes.

A mensagem do evangelho mais antiga estava centrada na pregação da morte e ressurreição de Jesus.

O domingo, dia da ressurreição de Cristo, tornou-se o principal dia para seus seguidores reunirem-se para adorá-lo.

Tiago, irmão de Jesus e cético antes da ressurreição, converteuse porque também acreditava ter visto o Jesus ressuscitado.

Apenas poucos dias mais tarde, Saulo de Tarso (o apóstolo Paulo) tornou-se um cristão após um encontro com quem ele acreditava ser o Jesus ressuscitado.⁸²



Quase no final do seu sermão, em que apresentou um argumento convincente para a fé na ressurreição corporal, Dr. Habermas partilhou um relato pessoal de como a ressurreição de Jesus o ajudou a superar a experiência mais dolorosa de sua vida. Habermas fez uma pausa por um momento, e antes que o silêncio se tornasse tensão, pigarreou e continuou a mensagem.

“Nunca me esquecerei do dia depois da Páscoa quando recebi a notícia chocante do meu médico: ‘Sua esposa está com câncer no estômago’. Era um dos piores tipos de câncer que se pode ter. Semanas depois, sentei-me em minha varanda enquanto Debbie estava dormindo. Ela estava com um tubo ligado ao estômago, por onde eu tinha que alimentá-la três vezes ao dia. Enquanto Debbie dormia, sentei-me na varanda e conversei com Deus, semelhante ao que Jó fez no Antigo Testamento. Eu orei: ‘Deus, ela tem apenas 43 anos de idade e está morrendo. Senhor, ela é a mãe dos meus filhos. É minha amiga mais íntima. Deixe-a viver’.”⁸³

Susan Peterson começou a chorar e, ao olhar para baixo, viu Jéssica tentando conter as lágrimas também.

Habermas não obteve uma resposta rápida, porém mais tarde sentiu o conforto de Deus. Foi como se Deus dissesse: “Gary, entendo seu sofrimento. Conheço sua dor. Gary, Eu vi meu Filho morrer. Vi todos os açoites. Assisti enquanto Ele ficava asfixiado. Você espera mais do que meu Filho recebeu? Mas Gary, Eu o ressuscitei dos mortos e também ressuscitarei Debbie”.

“Tentei argumentar com Deus, e não sabia que em poucos dias eu seguraria a mão de minha esposa pela última vez. Ela estava em coma, e minha cunhada, que é enfermeira, colocou um estetoscópio no coração de Debbie e disse-me para falar com ela. Então eu disse: ‘Debbie, eu te amo, te amo, te amo’. Minha cunhada me contou que algo incrível havia acontecido. Quando eu disse a Debbie que a amava, seu coração acelerou. Quando eu não falava nada, o coração ficava mais lento. Minutos depois, Debbie faleceu. Era dia 9 de abril de 1995. Sepultei minha melhor amiga. Perder minha esposa foi a experiência mais dolorosa que já enfrentei; mas se a ressurreição podia me ajudar a superar sua morte, a ressurreição de Cristo pode superar qualquer coisa. O céu significa viver eternamente com Deus e com aqueles que amamos. A ressurreição de Jesus garante-nos o céu.”⁸⁴

Andrea tocou o braço de Jéssica enquanto ambas choravam. Elas também estavam pensando em seus amigos Nick e Jamal. Mas em meio à dor, foram encorajadas quando Habermas encerrou com as palavras de Jesus em João 14: “Porque eu vivo, e vós vivereis”. Elas descobriram de um jeito novo que por causa da ressurreição existe esperança. Enquanto ouvia o professor cristão concluir seu sermão, Jéssica o ouviu encorajar todos que quisessem depositar sua confiança na morte expiatória e na ressurreição de Cristo, que fossem à frente e fizessem uma profissão de fé. O coral cantava um hino de apelo quando Jéssica sentiu alguém tocar em seu ombro. Era Lauren.

“Jéssica e Andrea, vocês podem ir comigo? Quero colocar minha confiança em Jesus.”

Enquanto Dr. Peterson estava de olhos fechados orando, havia grande alegria em seu espírito. Sua emoção, porém, foi interrompida por alguém esbarrando em seu pé.

“Com licença... Desculpe, Dr. Peterson...”

“Oh, tudo bem, Scott. Quer que eu vá à frente com você?”

“Eu ficaria honrado, Dr. Peterson.”

No momento em que o grupo reunia-se à frente — com mais de duzentas pessoas assumindo o compromisso de seguir a Jesus Cristo — é provável que a pessoa mais feliz naquela manhã era o Dr. Peterson, com lágrimas rolando em seu rosto. Dessa vez, porém, Peterson não estava chorando por seus próprios pecados, mas pela alegria de ver alguns de seus alunos entregando-se a Cristo. Naquela manhã de Páscoa, não haveria discussões ou debates. Em vez disso, esses novos crentes estariam todos em concordância acerca do ponto principal. A ressurreição de Jesus Cristo faz toda a diferença!

Assim como aquele dia especial de Páscoa foi o começo de algo novo para Lauren e Scott, este dia pode ser o início de algo novo para você. Caso tenha

encarado as evidências sinceramente e esteja disposto a se humilhar e confessar sua fé em Jesus Cristo, hoje pode ser um dia de novo começo. Reflita nas seguintes passagens bíblicas:

Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá.⁸⁵

Se, com a tua boca, confessares ao Senhor Jesus e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo. Visto que com o coração se crê para a justificação, e com a boca se faz confissão para a salvação.⁸⁶

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, incontaminável e que se não pode murchar, guardada nos céus para vós que, mediante a fé, estais guardados na virtude de Deus, para a salvação já prestes para se revelar no último tempo.⁸⁷

Notas

■

[¹ João 15.13](#)

[² João 14.2,3](#)

[³ Apocalipse 21.3,4](#)

[⁴ Lucas 23.43](#)

[⁵ 2 Coríntios 5.8](#)

[⁶ Lucas 16.19-31](#)

[⁷ Lucas 14.13,14 \(ARA\)](#)

[⁸ João 11.25,26](#)

[⁹ Lucas 24.7](#)

¹⁰ João 14.19 (ARA)

¹¹ 1 Coríntios 15.17

¹² Veja Romanos 3.23; 5.6-11; 6.23

¹³ João 3.16

¹⁴ Veja João 1.1-13

¹⁵ Salmos 46.1

¹⁶ Salmos 23.4

¹⁷ 1 Tessalonicenses 4.13

¹⁸ Gerd Lüdemann, What Really Happened to Jesus: A Historical Approach to the Resurrection, trad. John Bowden (Louisville: Westminster John Knox Press, 1995), 1.

¹⁹ Atos 1.22

²⁰ Atos 2.23,24

²¹ Atos 3.15, grifos do autor.

²² 1 Tessalonicenses 1.9,10, grifos do autor.

²³ N. T. Wright, The Challenge of Jesus (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1999), 220.

²⁴ James Hastings, Dictionary of the Apostolic Church, vol. II (Edimburgo: T.&T. Clark, 1918), 330.

²⁵ William Lane Craig, “Did Jesus Rise from the Dead?”, conforme citado em Michael J. Wilkins e J. P. Moreland, Jesus Under Fire: Modern Scholarship Reinvents the Historical Jesus (Grand Rapids: Zondervan, 1995), 159.

²⁶ Thomas Arnold, conforme citado em Wilbur Smith, Therefore Stand: Christian Apologetics (Grand Rapids: Baker Books, 1965), 425, 426.

²⁷ John Locke, A Second Vindication of the Reasonableness of Christianity, conforme citado em Wilbur Smith, Therefore Stand: Christian Apologetics, 422, 423.

²⁸ Marcos 15.15-20

²⁹ John P. Mattingly, Crucifixion: Its Origin and Application to Christ, tese de Th.M não publicada, 1961, 73. Citado por Josh McDowell, The New Evidence That Demands a Verdict (Nashville: Thomas Nelson, 1999), 218.

³⁰ W. J. Sparrow-Simpson. The Resurrection and the Christian Faith (Grand Rapids: Zondervan, 1968), 21, 22.

³¹ Henry Alford, The Greek Testament: With a Critically Revised Text: A Digest of Various Readings: Marginal References to Verbal and Idiomatic Usage: Prolegomena: And a Critical and Exegetical Commentary, vol. I, 6. ed. (Cambridge: Deighton, Bell, and Co., 1868), 298, 299.

³² William D. Edwards, M.D., et al. “On the Physical Death of Jesus Christ”, in: Journal of the American Medical Association 255:11, 21 de março de 1986.

³³ Samuel Houghton, conforme citado em Frederick Charles Cook, ed. Commentary on the Holy Bible (Londres: John Murray, 1878), 349, 350.

³⁴ Ibid.

³⁵ Isaías 53.2-12

³⁶ Isaías 53.8,9

³⁷ Craig, “Did Jesus Rise from the Dead?”, conforme citado em Wilkins e Moreland, Jesus Under Fire, 148,149.

³⁸ Ibid.

³⁹ Alfred Edersheim, The Life and Times of Jesus the Messiah, vol. II. (Grand Rapids: Eerdmans, 1962), 617.

⁴⁰ Wilbur M. Smith, Therefore Stand: Christian Apologetics, 370, 371.

⁴¹ Norman L. Geisler e Frank Turek, I Don’t Have Enough Faith to Be an Atheist (Wheaton: Crossway, 2004), 275.

⁴² William Smith, Dictionary of Greek and Roman Antiquities, ed. rev. (Londres: James Walton and John Murray, 1870), 250, 251.

⁴³ Mateus 27.62-66

⁴⁴ A. T. Robertson, Word Pictures in the New Testament. 5 vols. (Nashville: Broadman Press, 1930). Reimpressão (Nova York: R. R. Smith, Inc., 1931), 239.

⁴⁵ Ibid.

⁴⁶ [Alfred Edersheim, The Temple: Its Ministry and Services \(Grand Rapids: Eerdmans, 1958\), 147-149.](#)

⁴⁷ [The Mishnah, trad. Herbert Danby \(Londres: Geoffrey Cumberlege, Oxford Press, 1933\), 1.2.](#)

⁴⁸ Marcos 14.50

⁴⁹ [J. P. Moreland, Scaling the Secular City \(Grand Rapids: Baker Books, 1987\), 168.](#)

⁵⁰ [Mateus 28.2-4](#)

⁵¹ [Mateus 28.11-15](#)

⁵² [Albert Roper, Did Jesus Rise from the Dead? \(Grand Rapids: Zondervan, 1965\), 33.](#)

⁵³ [T. G. Tucker, Life in the Roman World of Nero and St. Paul \(Nova York: Macmillan Company, 1910\), 342-344.](#)

⁵⁴ [Thomas Thorburn, The Resurrection Narratives and Modern Criticisms \(Londres: Kegan, Trench, Trubner & Co., Ltd., 1910\), 179-182.](#)

⁵⁵ J. N. D. Anderson, “The Resurrection of Jesus Christ”, in: Christianity Today (29 de março de 1968), 4-9.

⁵⁶ Norman Anderson, Christianity and World Religions, ed. rev. Of Christianity and Comparative Religions (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1984), 95, 96.

⁵⁷ Moreland, Scaling the Secular City, 168.

⁵⁸ John Warwick Montgomery, History and Christianity (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1964), 78.

⁵⁹ Craig, “Did Jesus Rise from the Dead?”, conforme citado em Wilkins e Moreland, Jesus Under Fire, 157.

⁶⁰ Ibid.

⁶¹ Atos 25.6,7 (NVI)

⁶² Atos 25.19 (NVI)

⁶³ Atos 17.32 (NVI)

⁶⁴ Atos 26.23 (NVI)

⁶⁵ Atos 26.24-28 (NVI)

⁶⁶ The Discovery Channel,
<http://dsc.discovery.com/convergence/tomb/about/about.html>

⁶⁷
http://www.garyhabermas.com/articles/The_Lost_Tomb_of_Jesus/losttombofjesu

⁶⁸ Ibid.

⁶⁹ Ibid.

⁷⁰ Kirsopp Lake, The Historical Evidence for the Resurrection of Jesus Christ
(Nova York: Putnam's Sons, 1907).

⁷¹ William Lane Craig, The Son Rises (Eugene: Wipf and Stock Publishers,
2000), 42.

⁷² Gary R. Habermas, The Verdict of History (Nashville: Thomas Nelson, 1988),
119.

⁷³ [Theodore R. Sarbin e Joseph B. Juhasz, “The Social Contract of Hallucinations”, Hallucinations: Behaviour, Experience and Theory, editado por R. K. Siegel e L. J. West \(Nova York: John Wiley & Sons, 1975\), 242.](#)

⁷⁴ [Gary Collins, PhD, em correspondência pessoal, registrada em Gary R. Habermas, “The Recent Revival of Hallucination Theories”, in: Christian Research Journal, vol. 23, n. 4 \(13 de agosto de 2001\), 48.](#)

⁷⁵ [Ibid.](#)

⁷⁶ [Marcos 12.1-12, principalmente o versículo 12.](#)

⁷⁷ [Adaptado de Michael Licona, Paul Meets Muhammad: A Christian-Muslim Debate on the Resurrection \(Grand Rapids: Baker Books, 2006\), 55.](#)

⁷⁸ [Veja Mateus 28.11-15](#)

⁷⁹ [Justino Mártir, Diálogo com Trifão 108.](#)

⁸⁰ [Charles Colson, How Now Shall We Live? \(Wheaton: Tyndale, 1999\), 275, 276.](#)

⁸¹ [Este é o único ponto que não satisfaz os critérios de “fatos mínimos”.](#)

Contudo, Habermas relata que cerca de 75% dos estudiosos do assunto aceitam o túmulo vazio como um fato histórico.

⁸² Gary Habermas, *The Risen Jesus and Future Hope* (Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2003), 9, 10, citado por Geisler e Turek, *I Don't Have Enough Faith to Be an Atheist*, 299, 300.

⁸³ Testemunho do Dr. Habermas adaptado de vários podcasts em www.garyhabermas.com

⁸⁴ Ibid.

⁸⁵ João 11.25,26

⁸⁶ Romanos 10.9,10

⁸⁷ 1 Pedro 1.3-5